

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE BACHARELADO E LICENCIATURA EM HISTÓRIA

O PAPEL POLÍTICO DE SANTA CATARINA DE SENA NO SÉCULO XIV

CURITIBA
2006

ELESSANDRA SOUZA BITENCOURT

O PAPEL POLÍTICO DE SANTA CATARINA DE SENA NO SÉCULO XIV

Trabalho apresentado no curso de graduação de História pelo Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, sob a orientação da professora Dra. Fátima Regina Fernandes Friguetto.

CURITIBA
2006

Ao final aprendemos que o Tempo, a Verdade e a História não existem, tudo é uma construção, contudo passaremos o resto do nosso Tempo buscando a Verdade mergulhados na História.
(Elessandra S. Bitencourt)

AGRADECIMENTOS

Aos **meus pais**, que se privaram da minha presença durante estes anos de estudo, mesmo de longe souberam me apoiar e mesmo quando eu não acreditei que poderia, eles sempre acreditaram em mim.

Às minhas amigas de graduação, **Juliana, Jacquelin e Michele** que estiveram sempre ao meu lado me incentivando e ajudando nas dificuldades.

Ao meu marido e companheiro **Guilherme** pelo amor e compreensão dos momentos de ausência.

As minhas **amigas e colegas de trabalho do Hospital de Clínicas e do Hospital Pequeno Príncipe** pela compreensão dos momentos de cansaço e pelo incentivo.

À minha orientadora, a **professora Dra. Fátima R. F. Friguetto** que sempre acreditou nesta pesquisa e me orientou com maestria nas dúvidas, além de conceder dicas valiosas para o desenvolvimento deste.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	CONTEXTO DO SÉCULO XIV: SENA, FLORENÇA E AVIGNON..	06
3	QUEM É CATARINA BENICASA?.....	19
4	A FONTE.....	31
5	ANÁLISE DAS CARTAS.....	36
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERENCIAS.....	49
	ANEXOS.....	51

RESUMO

A pesquisa consiste na análise do papel político de Santa Catarina de Sena, considerada atualmente co-padroeira da Itália e uma das três doutoras da Igreja Católica Apostólica Romana. Durante o período em que viveu, a saber, século XIV, esteve envolvida em três situações políticas importantes: a guerra entre a Liga Florentina e o Papado, o retorno do Papado à Roma, pois este se encontrava desde 1309 em Avignon na França, e o Cisma da Igreja. Esta análise é feita por meio das cartas enviadas por Santa Catarina de Sena aos Papas (Gregório XI e Urbano VI) e aos governantes de Florença. As cartas são minhas fontes e sua interpretação é realizada à luz de hagiografias e bibliografias referentes ao contexto do século XIV. As biografias e hagiografias de Catarina me auxiliaram a compreender a personalidade desta mulher que não pertencia a uma família nobre, nem era uma mulher de posses, nem ao menos possuía uma intelectualidade de destaque, mas era consultada por papas e governantes da Itália. Foi de grande importância o estudo do contexto italiano e da corte do Papa em Avignon, bem como a situação hierárquica da Igreja no período. Neste sentido Joergensen e Undset, biógrafos de Catarina, foram de grande valia, tanto no que se refere ao contexto como nos fatos da vida de Catarina. Para filtrar seus relatos, imbuídos de religiosidade, comparei com autores que se referem ao contexto da igreja neste período como: Hertling, Vauchez e Obolenski, entre outros citados na bibliografia. Percebe-se que nos relatos de contexto, Catarina é pouco citada como chave importante no retorno do Papado à Roma. Os autores dedicam poucas linhas como comentário ao seu papel, já na sua biografia, os relatos se estendem a capítulos. Pela análise das cartas concluo que Catarina teve um papel político bastante ativo e sua importância era derivada da sua orla mística e de sua fama de santidade, fenômeno presente neste período, segundo afirma Vauchez e Huizinga. Catarina é muito consultada e por vezes aconselha mesmo sem ter sido requisitada, contudo não se pode ter a ingenuidade de que sua palavra era lei, na maioria das vezes ela não era ouvida, há quem a considere santa, mas também há quem a considere uma bruxa. De qualquer forma ela apresentou em seu período grande destaque e se imiscuiu em assuntos os quais, segundo o padrão conhecido de mulher medieval, não deveria ter se envolvido.

Palavras chaves: Catarina, papel político, santa, mística, Avignon, Itália.

1 INTRODUÇÃO

A História da Igreja Católica, em particular no período medieval, sempre foi para mim objeto de grande interesse desde o início da graduação. Deste interesse nasceu o desejo de aprofundar-me sobre um fato importante ocorrido no século XIV que ficou conhecido como o “cativeiro da Babilônia dos Papas em Avignon”. Trata-se do período em que a sede da cúria Papal foi trasladada de Roma para Avignon, na França, devido a questões factuais e políticas.

Este evento teve fortes conseqüências políticas para o período, constituíram ao mesmo tempo o auge do poder Papal e a transição para o domínio do poder secular sobre o espiritual. Foi um período em que o afastamento do Papa da Itália gerou o enfraquecimento de seu poder junto às Cidades Estados italianas, bem como um perigo eminente da perda dos Territórios Pontifícios.

Dentro deste enfoque temporal e político, meu objeto de pesquisa é a ação política de uma mulher no desfecho deste “exílio”: Santa Catarina de Sena. Pela pesquisa realizada, pôde-se constatar que não há uma conclusão formada a respeito do valor de sua intervenção para que o retorno da sede papal, sob o governo de Gregório XI; viesse a se concretizar. Alguns historiadores apenas citam em breves linhas, mencionando o fato, outros questionam se realmente haveria importância sua visita a Gregório XI, seus biógrafos apontam como fundamentais suas cartas e sua visita ao Papa para que este tivesse coragem para retornar à Itália.

Aprofundando na vida de Catarina Benicasa foram surgindo outros fatos políticos em que Catarina viria a se envolver, demonstrando ser uma mulher medieval singular, contudo faz-se mister recordar que não é a única mulher a se envolver em questões políticas neste período. Sua ação vem desmistificar a figura de uma mulher submissa e quase que somente manipulada dentro da história medieval, somente isto seria um grande motivo para o estudo da vida de Catarina, bem como de sua ação política em seu curto espaço de vida. Faleceu aos 33 anos.

Utilizo como fonte as diversas cartas escritas por ela a personagens importantes de seu tempo, como ao próprio Papa Gregório XI que foi quem trasladou a corte papal de volta a Roma. Gregório XI já cogitava a possibilidade de retorno em 1375, antes da comitiva de Catarina, chegar a Avignon, mas não se pode desprezar seu papel de encorajamento do Papa diante dos cardeais franceses que o pressionavam a ficar e este encorajamento é percebido em suas cartas.

Considero a pesquisa sobre a vida de Santa Catarina fascinante porque em seus escritos e nas ações, ela demonstra ser uma mulher de seu tempo, com uma mentalidade medieval, contudo, ela também é uma mulher além de seu tempo, por varias concepções inovadoras e iniciativas de reforma da Igreja Católica. Ela foi uma virgem consagrada como outras mulheres, mas com um diferencial em suas relações políticas com governantes no mundo secular e religioso. Inseriu-se em questões de guerra e foi uma ardorosa defensora da obediência ao Papa, num período em que muitos se rebelavam contra a autoridade papal devido a questões econômicas, à própria conjuntura do fortalecimento dos Reinos, que iria, no século seguinte, culminar com a Reforma Protestante e por uma disseminação de uma corrupção interna da Igreja, aliado a um desleixo com a vida religiosa do clero.

Ela é uma das três doutoras da Igreja entre muitos homens dignitários deste título, foi uma voz feminina de grande influência numa Igreja tradicionalmente masculina. Esteve envolvida em questões como a desavença entre Florença e o Papa, o retorno do Papa a Roma e a convocação de uma Cruzada contra os turcos.

Criou-se em torno de si uma grande família que veio, após sua morte, divulgar seus escritos e dar continuidade à reforma religiosa dentro da Igreja e iniciada a principio, em sua própria Ordem Dominicana. Todo o discurso de Catarina está focado na Unificação da Igreja, na busca pela paz entre os cristãos. Ela acredita que o meio de se alcançar esta Paz é primeiro pelo retorno do Papa a Roma e depois pela convocação de uma nova Cruzada contra os turcos, em defesa e resgate dos lugares sagrados da Terra Santa. Este desejo é um reflexo do período conturbado em que se encontrava não somente a sua cidade natal, Sena, como outras

Cidades-Estado Italianas. As desavenças contra o Papa provinham de longa data, e muito sangue já havia sido derramado em prol de se manter os Territórios Pontifícios sob o domínio da Igreja. Numa carta que analisaremos, em que escreve ao tirano de Milão, Bernabó Visconti, é bem nítida esta intenção de unidade e pacificação entre os cristãos.

Catarina é árdua defensora da Igreja, contudo não deixa de denunciar as incoerências que estavam a ocorrer. Sua obediência é incondicional, ela vai desenvolver um discurso muito parecido com o de São Francisco de Assis, por pior que seja o pecado do sacerdote, deve-se respeitá-lo e honrá-lo, pois é por meio dele que se recebe o “sagrado sangue” de Cristo. Francisco diz, ao invés do sangue, a Eucaristia. Ela, assim como ele, é conhecedora dos defeitos e dos desleixos do clero, contudo defende a hierarquia e não a rebeldia. Chega a declarar que não cabe aos homens o julgamento dos servos de Deus, somente Deus pode julgá-los e condená-los, aos homens cabe somente a obediência como condição para sua salvação.

“A eficácia dos sacramentos não fica alterada pela indignidade das mãos que os distribuem e devemos respeitar todos os padres, sejam eles bons ou maus¹”.

Seu discurso é forte, marcante, escreve sem pensar a quem ou se isso vai ofender o destinatário, apesar de utilizar ao final de suas cartas um discurso bem diplomático que vai compensar as palavras ásperas que utilizou no seu desenvolvimento. É sem dúvida uma mulher instigante, com características místicas, com discurso e vontade forte, pôde ir e vir como quis, falou a quem quis, sem se preocupar muito com as palavras. Se foi ouvida é uma outra questão.

Há estudos que comprovam que Catarina foi uma santa anoréxica, ou seja, sofria de anorexia nervosa, fenômeno, segundo estudo de Weinberg (et al.),

¹ JOERGERSEN, Johannes. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944, p. 120

característico dos séculos XIII e XIV. Que Catarina sofria de distúrbios para se alimentar pode ser visto neste relato de um de seus discípulos Francesco Malavolti:

“Afim de não despertar, porém, muita atenção, ela aceitava, por vezes, um pouco de salada crua e qualquer outro legume ou fruta, mas apenas mastigava e, disfarçadamente, atirava tudo fora. Se acontecia, porém, engolir algo que fosse, não tinha mais sossego enquanto o estômago não rejeitasse o que ela havia deglutido...retirava-se, então, com alguma de suas amigas e titilava a garganta com uma pena de pato até que se desembaraçasse do que havia ingerido”².

Segundo Bell apud Weinberg, além de Catarina haveria nestes dois séculos outras santas anoréxicas como Santa Catarina de Gênova, Santa Verônica, Santa Maria Madalena de Pazzi e Santa Clara de Assis³.

Os fatos nos dizem que Catarina de Sena era bastante consultada⁴, pela sua fama de santidade, pelos seus êxtases e pelas pessoas influentes que a cercavam, contudo nem sempre seus conselhos eram ouvidos, há inúmeros relatos, ditos pelos seus biógrafos de conversões ocorridas após diálogos com Catarina, mas sua própria cidade fazia parte da Liga contra o Papa, o Papa mesmo após seus conselhos escolheu os cardeais que bem quis e o próprio Urbano VI a quem ela tanto defendeu e escreveu, não melhorou seu humor e diplomacia após as cartas da santa. É certo que Urbano tentou utilizar-se da influência de Catarina a seu favor no caso do Grande Cisma, até a convocou para morar em Roma, a falar aos cardeais e até a rainha Joana de Nápoles para convertê-la à sua causa. Mas no momento de tomada de decisão, Urbano VI sempre seguiu seu próprio querer, bem diverso das intenções pacifistas de Catarina.

Meu objeto de estudo abrange o contexto do exílio de Avignon no século XIV, bem como as conseqüências geradas por este período de ausência da Cúria

² JOERGENSEN, op cit. p. 125

³ WEINBERG, Cybelle (et. al.). Santa Rosa de Lima; Uma Santa Anoréxica na América Latina? **Rev. Psiquiatria**, RS: jan/abr, 2005. 27 (1): 51-56. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n1a06.pdf>

⁴ Segundo mesmo artigo de Weinberg (et. all.), uma mulher medieval anoréxica podia usar o jejum religioso para negligenciar seus deveres e/ou exercer controle sobre outros, barganhar por abstinência sexual com seu marido, rejeitar um casamento indesejado ou rogar por membros da família. Santas jejuadoras podiam até passar por cima da autoridade dos homens da Igreja. Com suas práticas religiosas austeras, criticavam o poder secular ou as autoridades religiosas, assumiam o papel de professoras, conselheiras ou reformadoras das regras da Igreja em seu benefício. Op cit. p. 52

Papal de Roma e minha problemática se debruça sobre o papel de Catarina de Sena dentro deste contexto político utilizando como fonte as cartas que ela escreveu neste período. Ao todo selecionei oito cartas, que foram traduzidas por Frei João Alves Basílio, frei dominicano, diretor dos estudos catarinianos no Brasil.

Utilizo na minha pesquisa uma biografia escrita por ele, outra escrita por Sigrid Undset, escritora húngara, que apresenta um discurso histórico, contudo com nuances literários e uma outra biografia escrita por Johannes Joergensen, um escritor italiano que também já retratou alguns trabalhos sobre a vida de São Francisco. Todos os três têm um cunho religioso, o que segue uma linha um pouco mais neutra é o Joergensen, contudo em todos senti a necessidade de uma filtragem comparada com escritos históricos contextuais do período.

Os restantes são livros em que é abordado o contexto balisa estabelecido no trabalho, a saber, os fatos ocorridos no século XIV. Houve também a necessidade de buscar sobre uma bibliografia mais específica do contexto italiano, em particular de Sena e Florença.

Os Papas permaneceram em Avignon por um período de setenta anos; neste período transcorreram diversos acontecimentos que marcaram profundamente a vida da Europa e conseqüentemente, a vida da autora da fonte, dando forma as suas ideologias. Entre os fatos de destaque temos o início da Guerra dos Cem Anos, o aparecimento das Companhias dos mercenários e a Peste Negra entre os anos de 1348-1349 e 1374 que sacrificou um terço da população européia e acelerou mutações econômicas e sociais.

Procurei abarcar um bom número de livros que tratam da História da Igreja para obter uma variedade de opiniões e visões sobre o mesmo foco. Meu objetivo com a bibliografia selecionada é obter uma boa contextualização e assim poder analisar as biografias a respeito de Santa Catarina com embasamento forte. Possuindo mais de uma opinião pude ter uma maior clareza e discernimento das ideologias propostas por seus hagiógrafos. Uma avaliação ampla do contexto também me facilitou a análise das fontes, matéria prima da minha pesquisa.

2 CONTEXTO DO SÉCULO XIV: SENA, FLORENÇA E AVIGNON.

A Península Itálica, no século XIV, era um mosaico de estados, conflitantes entre si. Ao norte ficava o ducado de Milão, governado tiranicamente por Bernabó Visconti, este passou a maior parte do tempo do seu governo em conflito contra os Territórios Pontifícios. A parte central constituía os Territórios Pontifícios, pertencentes ao Papa. Eles incluíam os territórios de Roma, Assis, Espoleto, Perúgia, Régio, Emília, Ravena e Bolonha. Como o Papa Clemente V, desde 1309, residisse em Avignon, os Territórios Pontifícios eram governados por um cardeal nomeado por ele, que desempenhava o papel de legado pontifício. Tais legados eram franceses e políticos de profissão o que desagradava os italianos.

No sul da Itália achava-se o reino das duas Sicílias, com sede em Nápoles. Governava-a a rainha Joana d'Anjou, parente do rei da França, Carlos V, bem como Provença, ao norte de Gênova, a meio caminho de Avignon.

Sena, cidade natal de Catarina e local onde viveu a maior parte de sua vida, era uma Cidade-Estado envolta em muitas querelas, guerras internas e externas. Encontramos na cidade dois partidos, presentes em toda a Itália, os Guelfos – partido favorável ao poder Papal – e os guibelinos – partido favorável ao rompimento com o Papa e aliado do Imperador (Sacro Império Romano Germânico). Além desta divisão há uma outra, guelfos e guibelinos estão divididos em outros dois partidos (importante ressaltar que Sena é predominantemente Guibelina). Está dividida em três partidos internos, os *Gentiluomini*- partido dos pobres- e os *Populani* – o partido dos cidadãos – dentro deles havia uma subdivisão guibelina e guelfa, e abaixo destes encontramos os *Populi Minuti*, membros mais miseráveis da cidade.

Além destas disputas entre partidos, havia disputas familiares constantes. Havia guerra entre as grandes famílias Salimbeni e a dos Tolomei; a família dos Maconi estava de relações tensas com a dos Tolomei; os Seracini e os Piccolomini, os Malavolti e os Patrizzi, tinham todos herdado rixas sangrentas. Era comum a grande

cadeia de vinganças pela morte de um membro da família ou pela desonra de uma filha, sobrinha, prima etc. Vários poderiam ser os motivos para que uma família se voltasse contra a outra em guerras infundáveis. Essas guerras provocavam constantemente anarquias na cidade e os governos se alternavam tão rapidamente quanto assumiam o poder, o que fazia com que o governo fosse fraco devido a sua instabilidade. Desta forma as leis se tornavam rapidamente obsoletas.

Padres e monges nasciam e eram educados neste clima espiritual. O intenso sentimento de solidariedade familiar, que foi sempre uma característica do comportamento italiano. Os anais de Sena e as crônicas de outras cidades italianas contam-nos histórias de monges lutando e matando-se uns aos outros dentro dos claustros e freiras recolhendo nos conventos os seus parentes e os amigos dos seus parentes até terminarem as intrigas e os escândalos⁵.

No outono de 1368, começou um período de lutas e distúrbios sangrentos. Nesse ano, Sena era administrada por um governo de doze membros – *le dodici*- todos do partido dos burgueses. O partido dos nobres preparava-se para a revolta, consideravam que os *Dodici* não possuíam dignidade nem experiência para conduzir a cidade. Entretanto, as pessoas de categoria inferior da cidade – *Populi Minuti*- os pobres, artífices e lojistas, trabalhadores assalariados e oficiais que também estavam descontentes com os *Dodici*. Em 2 de setembro de 1368, um grupo de nobres entrou no *Palazzo Público*, os magníficos Paços do Conselho de Sena, expulsou os Doze e organizou um novo governo em colaboração com alguns partidos dos burgueses, escolhidos por eles. Este governo dos Nove – *le Noveschi*- durou três semanas. Apareceu então Malatesta Malatesta, vice-rei do Imperador na Itália, que acampou com as suas tropas em frente da cidade. Embora Sena fosse um Estado livre e autônomo, devia obediência ao Sacro Império Romano e pagava-lhe tributo. Os guibelinos que haviam desde sempre apoiado o Imperador contra o Papa e os seus

⁵ UNDESET, Sigrid. Catarina de Sena. (Basílio Lopes). Série Grandes Biografias. Lisboa: Editorial Áster, s/d, p. 103

Guelfos, tinham seguido sempre o partido do governo de Sena. Agora, porém, os velhos nomes dos partidos, “guibelinos” e “guelfos”, tinham perdido bastante do seu significado primitivo, e novas dificuldades os dividiam e fracionavam.

Em 24 de setembro, os Salimbeni saíram, fortemente armados, do seu palácio, juntaram-se ao partido dos “*Dodici*” e abriram as portas da cidade a Malatesta e aos homens do Imperador. Tiveram de abrir caminho, rua após rua, e tomar o *Palazzo Publico* de assalto. Foi assim instituído um novo governo dos Doze – *Difensori del Popoli Sienense*- os defensores do povo. Os *Popoli Minuti* tinham cinco representantes, os burgueses quatro e os nobres três. Como recompensa dos serviços prestados à causa do povo, a família dos Salimbeni obteve a cidadania, isto é, um Salimbeni devia fazer parte do governo, fosse o partido que estivesse no poder. Além disso, receberam ainda cinco fortalezas fora da cidade de Sena.

Quinze dias depois, chegava a Sena o Imperador Carlos IV, acompanhado da esposa, sendo recebidos com júbilo pelo partido no poder. O Imperador, que se alojou no *Palazzo Salimbeni*, permaneceu apenas alguns dias na cidade, mas prometeu voltar para passar o Natal em Sena. Antes disso, porém, o governo dos *Dodici* fora destituído por um levantamento do povo, e encontrava-se agora nas mãos de quinze defensores, ou reformadores, como se chamavam a si próprios, pertencentes aos *Populi Minuti*. Após mais algumas batalhas, os cidadãos conseguiram alguns representantes no governo, mas os nobres ficaram de fora, e muitas das velhas famílias foram expulsas da cidade.

O Imperador voltou em 22 de Dezembro, e novamente escolheu o *Palazzo Salimbeni* para se alojar; e os Salimbeni esperavam agora, com a ajuda das tropas do Imperador, desalojar do poder os “Reformadores”. Para aumentar a confusão, na cidade, tinha chegado um legado do Papa, o Cardeal de Bolonha, e murmurava-se que o Imperador tinha resolvido vender ao Papa a sua autoridade sobre Sena. Em 18 de janeiro de 1369, Niccolo Salimbeni percorreu as ruas de Sena, com um grupo de homens bem armados. Os habitantes da cidade pegaram em armas e precipitaram-se para o “Campo”, a praça em frente da Câmara, onde se encontraram com Malatesta

e a sua cavalaria. O Imperador tentou fazer uma sortida do Palazzo Salimbeni, mas encontrou-se com a cavalaria de Malatesta, em retirada desordenada. Pedras e outros projéteis choviam sobre os soldados, do alto das casas, o Imperador conseguiu refugiar-se no *Palazzo Salimbeni*, mas quatrocentos dos seus soldados haviam sido mortos e muitos outros feridos⁶, ficando o Imperador exilado no castelo, o motivo da rebeldia contra o Imperador, resultava de um boato que assegurava que o imperador venderia Sena ao Papa, fato já citado acima.

Il Capitano del Popolo, chefe do governo, proibiu a venda de quaisquer fornecimentos ao imperador e às suas gentes, este prometeu abandonar a cidade, mas exigia uma certa quantia em dinheiro, que lhe assegurasse a fuga, que foi fornecida pelos reformadores.

Depois da saída do Imperador, Sena mergulhou numa anarquia completa. No verão seguinte, continuou a cidade em relativa paz, os nobres foram autorizados a regressar e os Quinze Reformadores agüentaram-se no poder até 1375, no entanto, continuavam aguerridas as disputas particulares entre os adeptos dos partidos dos *Dodici* e dos *Noveschi*, bem como a disputa entre as famílias.

Considereei importante o relato destes fatos em Sena, para que possa ser possível uma panorâmica da situação confusa em que se encontrava não somente a cidade de Sena, mas outras Cidades Estados da Itália. Este contexto de guerras e conflitos constantes foi o ambiente em que viveu Catarina Benicasa. Há diversos relatos em que ela se interfere entre as famílias para interceder pela paz⁷.

Deve-se somar a isso as duas grandes pestes que assolaram um terço da população de Sena, a de 1348 e a de 1374.

As cidades e aldeias viviam sob o constante receio de serem atacadas e saqueadas pelos exércitos das repúblicas vizinhas ou por algum condottiere, a soldo de um déspota ou temporariamente desempregado e à procura de pilhagens.

⁶ UNDSET, op cit. p 105.

⁷ Id., ibid., p. 129

Outro incidente importante em que Catarina irá participar ativamente será na guerra entre Florença e o Papa. O Papa tinha desavenças com várias Cidades Estados italianas, a mais importante sem dúvida era com Bernabó Visconti, chefe do governo de Milão. O motivo principal destas desavenças eram disputas de terra e de autoridade. Quando o Papa foi para França, ou melhor, dizendo, após sua eleição não quis voltar à Itália, foi para os italianos uma afronta e uma possibilidade de tomar do Sumo Pontífice seus inúmeros territórios. Visconti de forma alguma aceitava a autoridade do Papa ou de seus legados franceses e a guerra entre eles era constante.

A 4 de junho de 1373, foi assinado um armistício em Bolonha, pelo legado pontifício, o cardeal de Sant'Angelo, Guillaume Noellet e Bernabó Visconti, tendo tido por consequência a liberdade do condottiere⁸ inglês John Hawkwood e de sua quadrilha de mercenários, que expôs à invasão a fértil Toscana. O legado Pontifício declarou encontrar-se na impossibilidade de lhes opor qualquer resistência, a menos que Florença consentisse em lhe emprestar sessenta mil florins. Interditou, contudo, a exportação de trigo dos Territórios Pontifícios a Florença e outras cidades. Esta atitude revoltou os florentinos que viram em tal atitude um atentado manifesto a liberdade da Toscana. Eles consideraram como se o Papa se voltasse contra eles, querendo vencê-los pela fome para depois submetê-los. Aproveitou-se da situação o partido Ricci para derrubar o partido Albizzi que estava no poder e se apoiava no clero. Florença, até então em sua maioria guelfa, tornou-se, em sua maioria, guibalina. Os Florentinos preferiram tomar a seu soldo Hawkwood e sua quadrilha a ter que enviar ao cardeal a quantia requisitada. Encarregaram Spinello Lucaberti e Simone Peruzzi para negociar com o condottiere e conseguiram comprar seus serviços por 130.000 florins de ouro. Este vai invadir os Territórios Pontifícios, a começar por Pisa, *a posteriori* vai se voltar novamente ao lado do Papa, por um bom pagamento desta vez contra Barnabó Visconte.

⁸ Mercenários, estes lutavam ao lado de quem lhes pagassem mais, alternando de lado de forma bastante inconstante.

Por toda a Itália espalhou-se a revolta contra o Papado, Milão e Florença uniram-se contra o Papa e assinou em 24 de julho de 1375, uma aliança de cinco anos. Pisa, Sena, Luca e Arezzo foram convidadas a se unir à Liga Milano-Florentina. Uma nova autoridade apossou-se do governo da república: os oito da guerra, *gli Otto della Guerra*, também denominados ironicamente como “*os oito santos*”. Foi implantado um imposto esmagador sobre os bens da Igreja e todo o Clero. Este imposto é condenado por Catarina em uma de suas cartas. É neste momento de insurreição forte contra a Igreja que Catarina é convidada a interceder junto a Luca e Pisa, a pedido de Gregório XI. Contudo apesar de seus esforços em 1376 faziam parte da Liga Florentina, Pisa, Luca e também Sena.

Em dezembro do mesmo ano, incendiou-se novo atrito. O sobrinho do abade Marmoutiers ultrajou uma esposa de um conceituado cidadão de Perugia e esta na tentativa de defender-se se jogou da janela, vindo a óbito; a população insurgiu-se contra o domínio pontifício. Aliados a Perugia insurgiram-se ao mesmo tempo Città di Castello, Viterbo, Gubbio, Urbino, Todi e Forli. Em dez dias, aproximadamente, sublevaram-se cerca de 80 cidades contra o Papado⁹.

A 6 de fevereiro de 1376, diante da situação, o Papa Gregório convoca os chefes do governo florentino a se apresentarem diante dele em Avignon. Apenas três se apresentarem sem intenções de reconciliação ou de submeter-se a vontade Papal, a resposta foi a interdição por parte do Papa Gregório XI, além da excomunhão dos “Oito da Guerra”, bem como de 51 cidadãos de Florença. Este interdito incluía a não mais celebrações religiosas na cidade e desobrigava os cidadãos de outras cidades a manter relações com os florentinos, bem como lhes dava poder de prendê-los, não comerciar com os mesmos, não lhes pagar dívidas e outras implicações políticas e religiosas.

Os florentinos sentiram, vivamente, o peso da interdição e da excomunhão e compreenderam que seus rivais queriam tirar proveito daquelas circunstâncias para

⁹ JOERGERSEN, J. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944. p. 216.

arruinar seu comércio, capturando suas galeras e abstendo-se de solver seus compromissos, afirma Joergensen¹⁰. Catarina é convidada pelos “oito da guerra” a interceder junto ao Papa Gregório XI pela cidade de Florença. isto está narrado por Raimundo de Cápua na biografia de Catarina. Catarina vai a Avignon interceder por Florença.

A 20 de março, o exercito da Liga contra o Papa tomou Bolonha. Mas na semana seguinte, as tropas Papais, sob o comando de John Hawkwood, conquistaram Casena, chacinaram os homens e deram as mulheres aos seus soldados. À frente desse exercito de mercenários selvagens, seguia o cardeal Roberto de Genebra, que mais tarde se tornou o antipapa Clemente. O povo não esqueceria os bárbaros atos cometidos.¹¹

Os Papas no período medieval não viveram sempre em Roma, devido as inquietações constantes na cidade seguidas de ameaça de morte ao Bispo de Roma. A nobreza romana considerava o Vigário de Cristo como sua Propriedade, a agitação sempre surgia cada vez que não estavam satisfeitos com a conduta do Papa, e também por ocasião da eleição de um novo Papa. A população armada tentava obrigar os cardeais a eleger o seu candidato. Em outros momentos os imperadores germânicos haviam invadido a Itália pra obrigarem o Papa a reconhecer que o poder temporal está acima do espiritual, estas invasões obrigava os Papas a fugirem para Nápoles ou Lião. Durante várias décadas, os Papas preferiram viver em Viterbo, como também já se refugiaram em Anagni, Rieti, Perugia e outras cidades italianas.

Em Avignon os Papa estavam mais seguros e mais dignamente alojados do que em Roma.¹² Não havia nem guelfos, nem guibelinos, nem Orsinis ou Colonnas¹³, nem os constantes motins de Roma. A localização de Avignon era mais privilegiada do que a romana, podia se chegar a ela sem passar por montanhas, sob o ponto de

¹⁰ JOERGERSEN, J. op cit. p. 222.

¹¹ UNDSET, Sigrid. **Catarina de Sena**. (Basílio Lopes). Série Grandes Biografias. Lisboa: Editorial Áster, s/d. p. 210

¹² HERTLING, Ludwig. *História della iglesia*. Barcelona: Herder. 1989, p. 263

¹³ Famílias italianas poderosas que viviam em constante disputa, inclusive sobre quem teria mais influência sobre o Papa.

vista administrativo Avignon apresentava muitas vantagens para sede da cúria Romana, contudo temos de nos recordar que a Igreja não é simplesmente um órgão administrativo e nem o Papa somente um chefe administrativo e este é o ponto fraco de Avignon.

Quando Bertrand de Got, arcebispo de Bordéus, foi eleito Papa em 1303, com o nome de Clemente V, recusou-se a ir para Roma, permanecendo em França. Avignon, nas margens do Rodano, não pertencia à França, mas ficava na província de Venaissin, que pertenceu aos reis de Aragão até que o Papa Urbano V a comprou à Rainha Joana de Nápoles. Os Papas de Avignon foram sob muitos aspectos influenciados pelo rei francês, em particular Felipe, O Belo. Um exemplo disto foi a condenação da Ordem dos Templários, com a tomada de seus bens pelo Rei francês e a condenação de seus superiores à fogueira.

Durante os nove anos de governo do Papa Clemente, nunca lhe passou pela cabeça, afirma Karl August Fink, houve iniciativas de viagem e retorno a Roma, contudo sua fraqueza de caráter que fazia com fosse influenciado pelos seus sobrinhos e pelo Rei da França, o fizeram ficar. Entre os cardeais que nomeou havia quatro sobrinhos, dentre todos, nove eram franceses e havia um inglês, nenhum italiano. Fink também afirma que esteve pouco tempo em Avignon, passou a maior parte do tempo em Poitiers, como era um homem enfermo atendia a poucas audiências, somente a de seus sobrinhos que o souberam exploram imensamente. Ao morrer, o Papa Clemente V deixou uma fortuna de um milhão de florins. O seu testamento revela que havia emprestado dinheiro tanto aos ingleses quanto aos franceses, para financiamento da guerra. Deixou também um governo da Igreja altamente dependente da França, um colégio cardinalício composto principalmente por franceses e uma cúria saqueada pelo nepotismo.

O seu sucessor era também francês, Jacques d'Euse, que tomou o nome de João XXII. Sua eleição se deu abaixo as armas do Rei da França que ameaçou matar todos os cardeais. Viveu em Avignon transformando a cidade num burgo fortificado e poderoso da Europa. Em seu governo os franciscanos se revoltaram contra a corte

mundana que se instalou em Avignon, criticando a simonia e a avareza, foram eles a criar a expressão “cativeiro da Babilônia” ou Exílio de Avignon, devido também ao abandono que Roma e os Territórios Pontifícios se encontravam. O Papa respondeu com bulas de excomunhão. Durante anos, o antagonismo entre os Papas de Avignon e o setor radical da Ordem Franciscana condenaram os franciscanos como heréticos, e estes replicaram com um antagonismo ainda maior, que os levava a alianças com príncipes e déspotas. Dante acusava o Papa de ter feito um casamento entre o Papado e a França, dizendo que o Papa não era mais que um Capelão Francês.

Avignon é uma cidade de Provença, às margens do Ródano, foi residência dos Papas por 70 anos. Está situada na fronteira dos domínios da coroa francesa, oferecia uma excelente localização comercial. Em 1348, Clemente VI compra da rainha Joana de Nápoles Avignon, passando a fazer parte dos Territórios Pontifícios.

O Palácio de Avignon foi construído em duas décadas iniciado durante o governo de Bento XII e terminado no governo de Clemente VI que deu a ele o ar principesco. Este último, é o que Catarina vai conhecer. A estrutura externa foi feita por arquitetos franceses e o interno decorado por artistas italianos. Ao redor foram construídas as casa dos cardeais e dos altos funcionários da cúria. Aos poucos foram sendo construídos mosteiros, hospitais, outros palácios, hospedarias, lojas de contratação, Igreja, capelas e em torno da cidade foi construída uma forte muralha. João XXII também construiu residências de verão nas suas proximidades.

Avignon constituía uma corte muito aos moldes da corte francesa. Despendia uma grande soma de florins para seu sustento, o qual era retirado dos dízimos coletados em toda a cristandade. As saídas estão registradas nos livros da administração central, subdivididos em grupos: cozinha, padaria, bodegas, cavalaria, vestidos e tecidos, objetos de arte e adornos, biblioteca, ofício do selo, soldos, gastos de guerra, pagamento de soldos extraordinários, imóveis e esmolas. Os gastos maiores são com a manutenção da guerra e neste caso os governos em que houveram mais gastos foram no de João XXII, Inocêncio VI e Gregório XI, durante as tentativas de recuperação e manutenção dos Territórios Pontifícios.

Foi em Avignon, sob o governo de João XXII que tem início uma estrutura administrativa centralizada de grande estilo, maior do que havia sido até então em Roma, e que prevalece até os dias atuais¹⁴. A base econômica da cúria era o censo, ou seja, os impostos fiscais dos territórios Papais, dos estados aliados da Igreja, dos feudos dos príncipes que possuíam domínios nos feudos do Papa, dentre os quais o principal era o rei de Nápoles. Incluía-se as taxas da chancelaria que eram abonadas somente por decreto Papal. Todas estas fontes de renda já existiam antes de Avignon, assim como a aplicação de valores em troca de benefícios eclesiásticos, o que houve após João XXII foi a sistematização e ampliação.

Os censos, impostos obrigatórios, cobrados nos Territórios Pontifícios, localizados na Itália, e administrado ainda por um francês, era o motivo principal das revoltas italianas.

Dentre os Papas que governaram em Avignon, o que precede em importância para minha pesquisa é Gregório XI, o último Papa avignonês.

Nascido com o nome de Pierre Roger de Beaufort foi nomeado para o colégio cardinalício (como cardeal-diácono de santa Maria Nuova) por seu tio Clemente VI (1342-1352), aos 18 anos ou 19 de idade. Embora repetidamente tentasse recusar, o cardeal Pierre Roger foi eleito Papa por unanimidade, em 30 de setembro de 1370, aos 42 anos de idade, após um conclave de dois dias. Como ainda era diácono, foi ordenado sacerdote e consagrado bispo em 4 de janeiro pelo cardeal Guido de Bologna, bispo do Porto. No dia seguinte foi empossado e coroado. Ao contrário do antecessor, Urbano V, que recusou a costumeira pomba e circunstância depois da coroação, o novo Papa, Gregório XI, aceitou a tradicional procissão triunfal pelas ruas de Avignon, enquanto o duque d'Anjou, irmão do rei da França, Carlos V, segurava as rédeas do cavalo.

O programa pontifício de Gregório XI era bastante direto: levar o Papado de volta a Roma (para poder exercer com mais eficiência a autoridade sobre os Territórios Pontifícios), organizar outra Cruzada para libertar os lugares santos da

¹⁴ HERTLING, L. *História della iglesia*. Barcelona: Herder, 1989. p. 259.

Palestina do controle mulçumano, efetuar a reconciliação com a Igreja do Oriente e reabastecer os cofres Papais vazios¹⁵.

Em 1371, Gregório XI formou um liga contra Barnabó Visconti e no início de 1373 lançou um interdito contra sua família.. na primavera de 1375 estava preste a partir para a Itália quando a Liga se dissolveu e o dinheiro acabou. Os reis da Inglaterra que se encontrava em guerra, pediu ao Papa para que mediasse a paz entre eles. O que resultou no adiamento do retorno a Roma, o que lhe custou bastante caro. Florença se rebela contra o poder Papal devido ao motivo já citado acima.

Catarina é convidada, após o interdito do Papa, a Florença, como já citado acima, a interceder junto ao Papa pelos revoltosos. Vai até Avignon e é neste período, no ano de 1376, que ela convence o Papa a retornar a Roma. Como pode se perceber o Papa Gregório já apresentava muitas razões para seu retorno.

A ausência do Vigário de Cristo de Roma tinha causado sérias conseqüências, como o enfraquecimento de seu poder, a revolta dos Territórios Pontifícios com quase sua perda (durante o governo em Avignon muito se gastou em guerras para manutenção dos Territórios Pontifícios, ameaçados por outras cidades como Milão e Florença, além da rebeldia de seus próprios habitantes). No período de sua ausência, os representantes das Cidades Estados Italianas, bem como os membros das velhas famílias ducais que governavam os seus pequenos estados como chefes hereditários e vassalos da santa Sé em algumas cidades fortificadas, tinham também pouco êxito quando surgiam desentendimentos e tentavam chegar a um acordo com os legados pontifícios.

Na própria Roma não havia qualquer autoridade que conseguisse dominar os membros mais agressivos das grandes famílias de barões, constantemente em guerras uns contra os outros e apoiados pelos amigos da pequena nobreza e da burguesia romana¹⁶.

¹⁵ MCBRIEN, R. *Os Papas de São Pedro a João Paulo II*. (Barbara Theoto Lambert). São Paulo: Loyola, 2000. p. 252-253.

¹⁶ UNDESET, Sigrid. *Catarina de Sena*. (Basílio Lopes). Série Grandes Biografias. Lisboa: Aster, s/d. p. 142.

Apesar de tudo, Roma continuava a ser a cidade santa do Cristianismo. Ainda havia peregrinos que enfrentavam o perigo e a fadiga para virem de distantes terras orar nos túmulos dos Apóstolos e fazer as tradicionais visitas aos lugares sagrados dedicados à memória dos santos e mártires dos tempos heróicos da Igreja. O que faltava à cidade de Avignon era o apóstolo São Pedro, os sepulcros dos mártires, a tradição milenar¹⁷. Os cristãos não iam a Avignon a não ser a negócios¹⁸. Era um tribunal brilhante, com até trinta cardeais residentes, cada qual com seu palácio. Mas era totalmente desprovida de atmosfera espiritual. O Parlamento Inglês, afirma Johnson, a denominava oficialmente de “a pecaminosa cidade de Avignon”. Suas preocupações eram poder, lei e dinheiro.

Por estas razões nítidas é que é questionável qual é a influência verdadeira de Catarina sobre o retorno do Papa, sendo Gregório um homem indeciso, e a busca constante de sinais de Deus, para tomar suas decisões, talvez Catarina tenha sido este sinal.

Após o retorno de Gregório a Roma, em 17 de janeiro de 1377, a situação na Itália piorou. As negociações de paz com Florença fracassaram porque as exigências do Papa eram muito rigorosas, ele é repreendido por Catarina em uma carta por isso, e a hostilidade para com o Papa intensificou-se com o ataque do cardeal Roberto de Genebra a Cesena no mês de fevereiro. Ele também fracassou no que concerne à organização de uma nova Cruzada.

No momento de sua morte Catarina encontra-se em Florença em negociação, estas são canceladas com a notícia da morte de Gregório XI.

Seu sucessor foi Urbano VI, outra personalidade com quem Catarina vai trocar inúmeras cartas, ela é como uma conselheira para Urbano, por ele ela vai se mudar para Roma, aonde vem a falecer em 1380. Urbano também a usa em assuntos políticos e até a convoca para pregar aos cardeais. Ela e seus discípulos serão os maiores defensores de Urbano VI por ocasião do cisma.

¹⁷ HERTLING, L. *História della iglesia*. Barcelona: Herder. 1989, p. 264

¹⁸ JOHNSON, P. *História do Cristianismo*. (Cristiana de Assis Sena) Rio de Janeiro: Imago, 2001.p. 263.

Urbano VI era Bartolomeo Prignano, arcebispo de Bari quando o elegeram Papa em 8 de abril de 1378, no conclave Papal realizado em Roma desde 1303. neste conclave, o povo romano se encontrava do lado de fora do Vaticano, exigiam um Papa romano ou ao menos italiano. A certa altura, alguns saíram da multidão e conseguiram entrar no palácio, invadiram as torres e adega do Papa. Os chefes das regiões da cidade também visitaram o palácio para advertir os dezesseis cardeais do perigo de ignorar a vontade do povo. Na manhã seguinte, o tumulto recomeçou, e todos os cardeais, menos um, votaram no arcebispo Prignano. Antes que entrassem em contato com ele e obter seu consentimento, uma turba invadiu o palácio e, para acalmá-la, os aterrorizados cardeais fingiram que um idoso cardeal romano fora eleito. O povo o aclamava enquanto os cardeais fugiam da cidade. No dia seguinte doze cardeais voltaram ao palácio e confirmaram a eleição de Bartolomeo Prignano. Com o nome de Urbano VI, foi empossado no domingo de Páscoa, 18 de abril.

Este episódio conturbado foi o que margem para o questionamento da não legitimidade da eleição de urbano VI e, portanto oportunizou o Cisma. Ao fato acontecido aliou-se o gênio intransigente e irracional de Urbano VI, que foi duramente repreendido por Catarina de Sena em suas cartas.

3 QUEM FOI CATARINA?

Catarina Benicasa, que após canonização passou a ser conhecida como Santa Catarina de Sena, ou ainda em vida como Catarina Fontebranda, região onde ficava localizada a tinturaria de sua família. É filha de burgueses: Giacomo Benincasa e de sua mulher Lapa di Puccio dei Piangenti. Nasceu em 24 de março de 1347 de uma numerosa família em que é a vigésima quarta filha.

Diz seu biógrafo, Raimundo de Cápua, que desde os seis anos, Catarina possuía visões e êxtases espirituais. Aos 19 anos de idade, no ano de 1366, entrou para a congregação dominicana das Mantellate.

As Mantellate eram as Irmãs da Penitência da Ordem Terceira de São Domingos tiveram origem numa irmandade de leigos que São Domingos tinha fundado e a que chamara a Milícia de Jesus Cristo. Além de se comprometerem a rezar certas orações em vez de ofícios diários que os monges liam, já que muitos leigos não sabiam ler, os Irmãos deviam defender os bens da Igreja. Durante os anos em que os hereges tinham estado no poder, no sul da França e no norte da Itália, uma grande quantidade de terras da Igreja tinha passado para as mãos de leigos, que dispunham delas como se as tivessem realmente recebido por herança legal. São Domingos escolheu uma vida de extrema pobreza para a segunda ordem de frades pregadores. Mas a pobreza das catedrais, Igrejas, abadias e conventos, que tinham sido saqueados, tornara-se um obstáculo para o trabalho dos bispos e padres, o que acontecia igualmente com a atividade caritativa e evangelizadora das velhas fundações monásticas. Um dos objetivos da Milícia era tentar reconquistar para a Igreja o que lhe pertencia por direito. A maior parte destes irmãos era homens casados e por isso, de acordo com as leis católicas sobre o casamento, não podiam professar sem o consentimento das esposas; estas deviam, pois, comprometer-se a nunca oporem obstáculos à ação a empreender pelos maridos. Desta maneira, a Ordem Terceira viria a consistir principalmente em casais que viviam juntos numa vida de semi-reclusão no mundo, mas não do mundo. Como sinal de pertencerem a

Ordem dos Dominicanos tinham de usar roupas das mesmas cores, branco e preto, mas não havia nada regulamentado quanto ao feitio das mesmas. Para finais do século XIII, a Ordem começou a perder o seu carácter de milícia, mas continuou a ser chamada a Ordem Terceira dos Irmãos e Irmãs da Penitência de São Domingos. Quando ficavam viúvas, as Irmãs dedicavam o resto da sua vida inteiramente ao serviço de Deus permanecendo, contudo em suas próprias casas, mas vivendo como freiras. Não tinham Igrejas e oratórios próprios, costumavam reunir-se numa capela escolhida, se possível numa Igreja pertencente aos frades pregadores. Aqui tomavam parte da missa e oravam juntas. Quando, algum tempo depois, lhes deram um traje especial, a saber, vestido de lã branca, véu branco e capa preta, passaram a ser chamadas *le Mantellate* - as Irmãs do Manto.¹⁹

Em Sena havia muitas *Mantellate*. Mulheres casadas e viúvas de todas as categorias sociais pertenciam a esta congregação, e costumavam reunir-se numa capela chamada *Capella della Volte*.

A principio a congregação resistiu em aceitar Catarina por se tratar de moça solteira, sua mãe Lapa teve que intervir, pois Catarina encontrava-se muito enferma, somente após avaliação das irmãs e dos frades responsáveis por elas, pode ser aceita na congregação. Recebeu o hábito religioso no mesmo ano.

A hipótese que levanto para a predileção de Catarina pelas *Mantellate* pode ter sido a própria oportunidade de consagrar-se a Deus, que era seu desejo, contudo, poderia permanecer em sua casa, entre seus familiares e dispor de mais liberdade do que se entrasse para um convento ou mosteiro. O que a história nos mostra é que ela, com isso, gozou de grande liberdade de ir e vir, e viveu sua forma de religiosidade e penitência de acordo com suas escolhas, o que não lhe seria possível em outras condições de consagração ou mesmo dentro do matrimônio.

Entre o período da consagração até os 20 anos, Catarina viveu uma vida de profunda ascese, possuía um pequeno quarto junto à casa de Fontebranda, esta se localizava, junto ao muro, apresentando os mesmos aspectos das celas das reclusas

¹⁹ UNDSET, S. *Catarina de Sena*. Lisboa: Arter, s/d.

medievais. Um banco lhe servia de catre, algumas imagens de santos, uma arca onde guardava seus pertences, um crucifixo na parede e a única luz provinha da vela sob o crucifixo.

O que vai diferenciar Catarina do modo de vida das reclusas da Idade Média, é que ela vai ter livre acesso de ir e vir. Participa das celebrações, visita os doentes, mas está a maior parte do tempo em sua cela vivendo uma vida de mortificações físicas, com jejuns e flagelações. Os dominicanos, ao contrário dos franciscanos sempre tiveram especial predileção por penitências corporais, sob o exemplo de seu fundador. Alimentava-se muito pouco, sendo vegetariana desde criança, suas refeições eram basicamente de vegetais, pão e água em pouca quantidade. Com o tempo seu estômago não mais aceitava alimentos sólidos, se alimentando somente de líquidos e da Eucaristia. Segundo seu biógrafo, sentia dores fortíssimas sendo obrigada a provocar o vômito com uma pena²⁰. Conta-nos ainda, Raimundo de Cápua que nos últimos anos de sua vida seu único alimento era a Eucaristia e por isso mesmo tinha permissão de recebe-la mais vezes que os outros fiéis. Não é de se admirar que tenha morrido tão cedo, faleceu aos 33 anos.

Sua fama de santidade inicia-se já na sua adolescência, há quem a considerasse santa, mas há também quem a considerasse louca ou até mesmo um herege. Isto se deve aos êxtases que apresentava nos momentos das celebrações, publicamente. Os êxtases de Catarina a mergulhavam num estado de insensibilidade e de rigidez tetânica, de tal maneira que se podia atravessar o pé com um alfinete que esta não sentiria a menor dor²¹, seus êxtases eram também acompanhados de suspiros e gemidos. Os êxtases de Catarina causavam certo espanto aos outros fiéis, com o tempo alguns sacerdotes não gostavam da presença de Catarina, a deixavam sem comunhão para que esta não tivesse os tais êxtases na Igreja. Ela era retirada da Igreja em pleno êxtase quando esta devia se fechar, pois as vezes estes momentos

²⁰ Ver nota 3 e 4.

²¹ JOERGENSEN, J. **Santa Catarina de Sena**. (Maria Cecília de M. Duprat). Petrópolis, RJ: Vozes, 1944. p. 74

duravam horas, era colocada na calçada onde sofria toda sorte de agressões e testes. Quando voltava a si estava com muitas dores.

Em seus êxtases, nos diz seu biógrafo, tinha visões de Jesus, São Domingos, São Pedro e São Paulo, a Virgem Maria, Maria Madalena além do diabo e seus sequazes, contudo na maior parte, eram visões e diálogos com Jesus. A fama das mortificações aliado aos êxtases e milagres que lhe eram atribuídos. Espalhou-se em Sena e por toda a Itália, tornando Catarina conhecida como santa e passando a ser consultada sobre diversos assuntos. O número de visitas em sua cela foi crescendo diariamente. Os principais milagres em vida que lhe eram atribuídos eram de conversão e reconciliação entre famílias beligerantes. Houveram também algumas curas de enfermidades.

Para Vauchez, a mística é um fenômeno europeu que surge no século XIII, iniciando-se nos Países Baixos e na Alemanha com personalidades como Beatrice de Nazaré (†1268), Matilde de Magdeburgo (†1282) e Gertrude de Helfa (†1301). Na Itália nós vamos ter nomes como Santa Margarida de Cortona († 1297), Clara de Montefalco (†1308) e Ângela de Foligno (†1308).

Na mística italiana o individuo orienta sua existência na procura de um encontro com Cristo, partindo da meditação do seu sofrimento e culminando no êxtase. Este é descrito, segundo Vauchez, como o término de um prazer erótico. Consiste na fusão amorosa da vontade e um anulamento de si no qual o sujeito acolhe a vida do Cristo de maneira condivisa e em perfeita comunhão, como se ocorresse uma troca de corações, o seu coração no coração de Cristo e o dele no seu, este tipo de êxtase surge em primeiro em Clara de Montefalco e reaparece em Catarina de Sena. Em textos deste período o êxtase vem descrito como um estado de doçura e suavidade no qual a alma experimenta uma consolação espiritual que se coloca além da palavra, além da intelectualidade, ou seja, é uma experiência direta

com Deus. Vauchez afirma que nos países mediterrâneos a figura mística mais notável é Santa Catarina de Sena²².

Catarina era analfabeta, mas era dotada de superior inteligência, assim nos afirmam seus biógrafos. Devido à sua popularidade de santidade, o clero, assim como aconteceu com Joana d'Arc, tentaria manipular sua influência, contudo Catarina nunca o permitiu. Aprendeu a ler com Alessia Saracini, irmã Mantellate, de família nobre e instruída²³. Como já estava na idade adulta, Catarina teve muitas dificuldades para aprender, suas cartas sempre foram escritas por seus discípulos a quem eram ditadas, contudo, é inegável que ela possuía um grande saber da Sagrada Escritura, por meio da leitura do Breviário.

Aos 20 anos Catarina decide-se por sair da vida de reclusão e ter uma vida ativa dentro da sua família e da sociedade de Sena. Uma vida ativa politicamente e mais ampla, segundo seus biógrafos, vai ter início com a carta que escreve para o legado francês Pierre d'Estaing, estava ela com 25 anos, em 1372, daí por diante seriam inúmeras as cartas que iria escrever destinadas a pessoas importantes do clero, desde o Papa, a reis, rainhas, príncipes, mercenários, Cardeais e governantes das Cidades-estado. Seus temas principais são a reforma da Igreja, o retorno do Papa a Roma, a defesa do Papado enquanto instituição divina, a paz e unidade da Igreja e a formação de uma nova Cruzada.

Catarina não é a primeira mulher neste período a inserir-se na política e a abordar o tema da unificação e do retorno do Papado a Roma. Antes dela Santa Brígida, uma vidente escandinava, escreveu muitas cartas ao Papa, exortando-o a retornar a Roma, e alertando-o quanto ao risco de perder os territórios pontifícios. Assim se pronuncia ao Papa Clemente VI, sob intermédio do bispo d'Abo e pelo prior Pedro d'Alvastra:

²² VAUCHEZ, André. *La santificazione nella chiesa Latina in Storia del Cristianesimo*- Religione-Política-Cultura. Um tempo di prove. Vol.6. Borla/cittá Nuova. p. 490-493

²³ JOERGERSEN, J. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944.p. 61.

“Pensa no tempo em que me ofendeste. Contrariamente aos teus deveres, sempre agistes segundo teu prazer, mas aproxima-se a minha hora; eu te julgarei e se recusares submete, eu te humilharei tão profundamente quanto te havia exaltado! Calar-se-á tua língua orgulhosa e teu nome será esquecido pelos homens. Eu te castigarei por teres adquirido teus bens por meios indignos e pelos males que desencadeastes sobre a Igreja, durante os dias em que reinastes. Ergue-te antes que soe tua última hora; e se duvidares do espírito que aqui fala, olha o livro de tua consciência e vê se não digo a verdade.”²⁴

Brígida escreve como se falasse em nome de Deus, ou seja, é Deus que escreveria por meio dela; em suas cartas ela é sempre forte e ameaçadora. Ela denunciava os erros da Igreja com autoridade, apontando as falácias de monges e figuras eclesiásticas. Há que se refletir, contudo, que ela pertencia à nobreza e era uma mulher de muitas posses. Havia fundado vários conventos e mandado construir Igrejas, sua influência política provinha de seu sangue nobre, prima do rei e ocupou elevada posição na corte da Suécia, após a morte do marido fez voto de castidade e de consagração a Deus. Representava importante papel político em seu país. Ela empreendeu diversas viagens pela Itália, acompanhada por seus filhos, capelães, palacianos e bispos²⁵. Também tinha a fama de ser uma vidente mística, sua última previsão foi a divisão dos Territórios Pontifícios, caso o Papa não retornasse sua sede para Roma. Seu argumento era bastante plausível visto que isto já havia ocorrido antes e a duras penas o território foi reunificado, também com o auxílio do legado Pedro d’Estaing. Brígida morreu em 23 de julho de 1373. Catarina sem o saber tomou seu lugar nas exortações ao Papa e na reforma da Igreja.²⁶

Catarina, se comparada a ela, é singular, por não provir de família nobre, ao contrário após a peste de 1374, sua família é obrigada a voltar ao campo, tendo que se desfazer da casa de Fontebranda. Catarina passa a ficar hospedada junto com sua amiga Alessia no castelo de Saracini. Catarina ao contrário de Brígida era apenas a filha do tintureiro havendo ao seu lado apenas os dominicanos, dentre os quais havia também inimigos. Catarina possuía, como Brígida, a convicção de estar falando em nome de Deus e sempre foi forte em suas palavras, não se preocupava a quem estava

²⁴ JOERGENSEN, J. op cit. p. 163-162

²⁵ Id., ibid., p. 166

²⁶ Id., ibid., p. 165.

escrevendo, se estava agradando ou não. Para ela, afirma Joergensen, a política, assim como todas as outras obras humanas, constituía capítulos de moral e o homem de estado devia ser, como todos os outros homens, um imitador de Cristo. Imiscuía-se entre as repúblicas beligerantes, penetrava na Igreja corrompida, admoestando os homens a deporem as armas a fim de fazerem as pazes, exortava-os a que passassem do nepotismo e da simonia à retidão e probidade.

O discurso direto que ela usa com freqüência em suas cartas os termos “Eu quero”, “eu desejo”, “è a vontade de Deus e a minha”, “Eu gostaria”; fala com severidade, diplomacia e brandura, são elementos sempre presentes em suas cartas.

Em 1374 a ordem dominicana sente-se ameaçada pela presença indiscreta e cada vez mais projetada de Catarina. O Capítulo Geral dos Dominicanos, reunido em Florença, chama-a para que explique sua teologia e doutrina diante dos teólogos. No dia 21 de maio, Catarina é sabatinada, suas respostas os satisfazem, não é encontrado nada herético em suas respostas. O capítulo encarrega Frei Raimundo de Cápua de acompanhar o desenvolvimento espiritual de Catarina e ele será posteriormente seu principal biógrafo. Neste mesmo ano, a Itália é assolada por outra peste e Catarina e seus discípulos, retornando de Florença, trabalham incansavelmente no cuidado aos doentes e no enterro dos mortos. Neste período, narra seu biógrafo, Catarina efetua milagres, como a cura deste, por meio de orações.

Também em 1374, Catarina toma conhecimento do desejo de Gregório XI, de realizar uma nova Cruzada contra os turcos, transfere-se para Pisa²⁷, onde o porto reúne mais pessoas, para conclamar o maior número de pessoas para esta empreita. Também escreve cartas a rainhas e príncipes com intuito de convencê-los de participar da Cruzada. Gregório já havia realizado uma tentativa, mas todos se negaram, um dos motivos era as constantes guerras entre famílias e entre Estados, bem como as ameaças do Sacro Império Romano Germânico. Ainda em Pisa, no ano de 1375 recebe durante um êxtase os estigmas de Cristo, as cinco chagas de Cristo,

²⁷ JOERGENSEN, J., op cit. p. 194

em vida elas seriam invisíveis, narra seu biógrafo, mas diz que após sua morte elas eram visíveis no corpo de Catarina.

O número de discípulos e discípulas, desde o primeiro, Frei Tomaso della Fonte, seu confessor e primo, aumentava conforme sua fama de ascese e santidade crescia. Foram eles os responsáveis por difundir a sua doutrina.

Havia em Sena um hospital, chamado “*della Scalla*” em cujas dependências se reuniam os membros de um grupo denominado Confraria dos discípulos da Virgem Maria²⁸, grupo do qual participava Catarina. Ali se encontravam leigos, sacerdotes e religiosos, os estudiosos de Catarina vêm nessas reuniões o germe da família catariniana entre eles Tomás della Fonte, já citado, frei Bartolomeu Dominici, frei Simão de Cortona, frei Raimundo de Cápuia, frei João Dominici e outros, entre as mulheres temos Alessia Seracini, Francesca Gori, outras duas Catarinas e Lisa, estas sempre a acompanhavam nas viagens. Importante ressaltar que eram todos intelectuais, teólogos e faziam parte da ala mais instruída dos dominicanos e pertencentes de família da aristocracia italiana.

Em 1375 recebe o convite feito por Florença, pelos Oito da Guerra, para mediar a desavença entre o Papa e a cidade de Florença. Gregório XI havia excomungado Florença publicamente, o que acarretou diversos prejuízos econômicos para a cidade, pois estes eram saqueados em outras cidades, e seus devedores se achavam no direito, devido à excomunhão, de sonegar-lhes a dívida.

Neste período quando uma cidade era interdita, os seus cidadãos tornavam-se parias em toda a cristandade. Os concorrentes podiam aproveitar para arruinar o seu comércio e aprisionar os seus habitantes onde quer que os encontrassem. Recorrem a Catarina, pois acreditavam que o Papa a ouviria.

Catarina é enviada a Avignon para interceder pela paz. A paz não foi conseguida neste momento, contudo, ela aproveita para encorajar o Papa a retornar a Roma e lhe falar dos abusos praticados pelos padres e prelados na Itália. Catarina

²⁸ JOERGENSEN, J., op cit. p. 80

chega em Avignon em 18 de junho de 1376²⁹. Dois dias depois foi recebida pelo Papa, tendo como tradutor Frei Raimundo de Cápua, pois Catarina somente sabia se expressar em toscano enquanto o Papa se expressava em latim. Os embaixadores de Florença deveria ter chegado logo depois de Catarina, mas não apareceram, escrevendo Catarina para os Oito da Guerra. Enquanto os embaixadores não chegavam, Catarina foi recebida outras vezes pelo Papa onde teve a oportunidade de falar-lhe sobre seu retorno a Roma e a constituição de uma nova Cruzada que nunca iria acontecer.

A embaixada florentina, não alcançou nenhum acordo, visto que estes estavam mal intencionados; deixaram Avignon com a intenção de prosseguir com a Liga Florentina contra o Papa. Catarina passa a se empenhar somente na questão do retorno do Papa e a Cruzada³⁰.

Gregório sentia-se muito pressionado pelos Cardeais franceses, por isso não tomava a atitude definitiva de retornar para Roma. Sabendo os Cardeais da influência de Catarina decidiram-se por escrever uma carta ameaçadora ao Papa, pelas mãos do franciscano Pierre d'Aragnon³¹, que também possuía fama de santidade, dizendo que se este saísse de Avignon seria morto envenenado em Roma. Vindo ao conhecimento de Catarina tal carta, ela diria “certamente há tanto veneno em Avignon como em Roma” e na mesma carta prosseguiria dizendo: “Não vos assemelheis a uma criança tímida! Sede homem! Abri a boca e tomai o que é amargo como se fosse doce!”.

Não podemos afirmar com certeza que foi a influência de Catarina que fez com que Gregório retornasse a Roma, mas é de questionar o fato de que dois dias após a partida de Catarina, 13 de setembro de 1376, Gregório parte de Avignon com boa parte de sua corte para Roma, deixando somente seis cardeais em Avignon. Havia outras questões envolvidas e o Papa há muito cogitava a possibilidade de

²⁹ UNDSET, S. **Catarina de Sena**. Série grandes biografias. (Basílio Lopes). Lisboa: Áster, s/d. p. 215

³⁰ JOERGERSEN, J. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944.p. 207

³¹ JOERGERSEN, J., op cit p. 240

retorno, pois os territórios pontifícios estavam seriamente ameaçados devido as revoltas, em particular aquela promovida pela Liga Florentina. Seu retorno era também uma tentativa de manter seus territórios unidos e acabar com a guerra. O que nos parece é que lhe faltava coragem para tomar tal atitude, visto que sua família se encontrava em França e havia grande influência dos cardeais para que ficasse, além de toda a turbulência que sabia que iria encontrar em Roma. Uma hipótese a ser considerado é o fato de que Catarina com sua influência, que se deve a sua fama de santa mística, tenha dado a coragem que faltava a Gregório XI, se ele acreditava que ela era santa e que em seus êxtases falava com Deus, saber que Deus falava por meio dela, dava-lhe uma confiança maior de enfrentar tal empreitada e tal risco.

Catarina permaneceu quatro meses em Avignon. Iniciou seu retorno primeiro por terra, porém como era muito procurada onde quer que parasse para descansar, decidiram por bem continuar seu retorno por mar chegando a 4 de outubro na cidade de Gênova, permanecendo alojados no palácio dos Scotti.

Após uma turbulenta viagem, com tempestades sucessivas³² o aportou em Gênova a 18 de outubro. Foram recebidos com notícias alarmantes, Roma estava em plena insurreição e os florentinos lutavam com sucesso contra as tropas pontifícias ao norte e a oeste. Um consistório foi convocado e a maioria dos cardeais opinou pelo regresso a França. Gregório, indeciso por natureza, quase cedeu às pressões, contudo sabendo que Catarina estava na cidade, contam-nos seus biógrafos, foi sem escolta, escondido, até o Palácio Scotti ter com ela, onde passariam algumas horas conversando, após o que saíria fortalecido para continuar sua viagem a Roma. A 5 de novembro desembarcou em Corneto, já nos Territórios Pontifícios³³.

Em julho de 1377, já em Sena, a maio de 1378, ditaria aos seus secretários o Diálogo, afirma Joergensen que foi sua estadia na corte de Avignon que lhe deu subsídios para escrever “O Diálogo”, o qual designava somente de “O livro”. Aqui

³² JOERGENSEN, J. **Santa Catarina de Sena**. (Maria Cecília de M. Duprat). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1944. p. 249

³³ JOERGENSEN, J., op cit, p. 251

ela trata entre outros assuntos dos pecados do clero e esboça o retrato dos “maus servos de Deus³⁴”.

Em 1377, Florença decidiria por desrespeitar o interdito e passaria a celebrar as missas publicamente nas Igrejas e permanecia a atitude hostil contra o Papa. A situação do Papa era bastante precária, os Territórios Pontifícios estavam reduzidos a Roma e a alguns territórios ao redor. Devido a guerra, estava com dificuldades financeiras e chegou a pedir dinheiro emprestado à Rainha de Nápoles., mas recusava-se a fazer as pazes com Florença.

Em dezembro de 1377 Catarina vai novamente à Florença a pedido do Papa, como sua representante. Alguns, até mesmo entre os guelfos, consideravam imperdoável que o Papa desse tamanha autoridade a uma mulher, por outro lado não desmereciam o valor de sua influência.. Amigos e inimigos de Catarina concordavam ao menos em um aspecto que ela era versada em tudo o que se referia a Igreja, era erudita e possuía uma compreensão intuitiva excepcional das coisas. Os seus adeptos consideravam-na uma virgem santa, uma visionária a quem Deus atribuíra poderes especiais; os inimigos diziam que ela era uma hipócrita, uma louca e até mesmo uma bruxa.³⁵ Catarina participou a todas as reuniões de paz e escreveu a vários amigos intercedendo pela paz.

No início de 1378 iniciou-se um conferencia de paz em Sarzana, mas foi interrompida com a notícia da morte do Papa. A 18 de abril, após o conclave, seria eleito Papa o Arcebispo de Bari com o nome de Urbano VI. Catarina continuou em Florença, tinha se decidido permanecer na cidade até que se alcançasse a paz. Os guelfos permaneciam no poder, contudo perseguiram ferozmente seus inimigos o que provocou uma violenta guerra civil. Os Palácios de quem era favorável à paz foram tomados de assalto e pilhados, os guelfos foram expulsos da cidade e queriam prender Soderini, amigo de Catarina, juntamente com a “bruxa de Sena”. Catarina foge da casa de Soderini, mas permanece em Florença junto ao eremitério. Deste

³⁴ “O Diálogo” foi traduzido para o latim e já em 1472 foi impresso em várias línguas.

³⁵ UNDESET, S. Catarina de Sena. Lisboa: Arter, s/d, p. 246.

local escreve várias cartas ao novo Papa, intercedendo pela Paz. Em 18 de julho chega em Florença um mensageiro do Papa com uma proposta de Paz. Estoura nova rebelião por parte dos Popolo Minuti, contudo é esmagada com mão de ferro e a tratado de paz é assinado em 28 de julho de 1378. Catarina deixou Florença alguns dias depois de se ter assinado a tratado de paz para regressar a Sena. Não é possível mesurar a real influência que Catarina teve na assinatura desde tratado de paz, contudo, é reconhecível por meio de suas cartas, sua incansável luta para que esta guerra se findasse. O resultado foi o tratado de paz e conquista de inúmeros amigos e inimigos em Florença.

Urbano VI tinha um gênio muito agressivo, muito temperamental, Catarina tentou exortá-lo a mansidão por meio das cartas. Logo que ocorre o Cisma, a família catariniana como seria de se esperar, ficaria ao lado de Urbano VI, ela viria a escrever a pessoas de sua influência para que o apoiassem. Catarina morreria antes que este impasse fosse solucionado.

Morre em 29 de abril de 1380, após uma intensa atividade apostólica em que era consultada e ouvida nos meios eclesiásticos e entre os governantes. Mesmo sendo semi-analfabeta, deixaria importantes escritos como: 382 cartas, “O Diálogo” e as “Orações”.

Em 1939 foi proclamada co-padroeira da Itália por Pio XII e em 1970, o Papa Paulo VI conferiu-lhe o título de Doutora da Igreja.

4 A FONTE

Santa Catarina de Sena escreveu 381 cartas endereçadas a governantes, a Papas, a parentes, aos seus discípulos, a reis e rainhas, com conteúdos particulares, religiosos e políticos. As oito cartas que escolhi, e que se encontram anexadas á esta pesquisa, demonstram bem seu papel político dentro do século XIV, seu empenho em defender o poder do Papa e sua representação religiosa. Era uma mulher profundamente envolvida com os assuntos da Igreja, ela a defendia, contudo, jamais deixou de enxergar seus erros e exortar aqueles que cometiam tais erros, como vemos na Carta nº 24 (pág 51 do anexo).

O conteúdo de suas cartas demonstra uma Igreja com problemas, uma Igreja corrupta em que o povo aos poucos se rebelava. Esta rebeldia provinha dos governantes temporais, também por motivos de interesses econômicos, tal intenção se vê contemplada nas cartas, ou seja, Catarina tinha uma visão e uma opinião sobre tudo que acontecia no seu tempo. Um tipo bem diferente do estereotipo pregado de mulher medieval submissa e vitima da ação masculina.

Catarina de Sena deixou como legado, três importantes escritos: “O Diálogo”, “As Orações” e as Cartas, estas últimas objeto de minha pesquisa.

Logo após sua morte, seus discípulos começaram a colecionar suas cartas que foram compiladas por Cristofano di Gano Guidini ³⁶ e, em 1398 Caffarini tirou cópias delas e as catalogou em 2 volumes. O primeiro continha 155 cartas, todas dirigidas ao clero, o segundo 139, escritas a leigos. Stefano Maconi, prior da Cartuxa de Pontigno perto de Sena, organizou outra coleção, da qual provém, sem dúvida, cinco ou talvez, seis das oito cartas originais que permanece na Biblioteca de Sena. Nenhuma das sete cartas foram escritas de próprio punho, foram escritos por Barduccio Canigiani, último secretário da santa.

³⁶ Estes são membros da família catariniana, foram eles os responsáveis, como já citei antes, de dar continuidade aos ensinamentos de Catarina de Sena. Membro fundamental para que isto ocorresse foi Frei Raimundo de Cápuia, primeiro biógrafo da santa, e que veio a se tornar logo após sua morte, superior geral da Ordem Dominicana.

Ao longo da história foram editadas outras compilações, inclusive a que tenho traduzida em português pelo Frei João Alves Basílio³⁷, editada em 1997, do original de 1492. Cinco edições originais se encontram na Biblioteca da Comuna de Sena, inclusive as biografias, *Legenda maior* e *Legenda Menor*.

Tratando-se de cartas, a intenção primeira de Catarina, não era que estas permanecessem como documentos, por que tinha por objetivo primeiro a comunicação com o tempo presente, mas encontramos uma nota dela no livro *Diálogo* que demonstra certa intencionalidade de que seus escritos fossem transmitidos para a posteridade:

“Eu vos peço que tomeis conta do ‘Livro’ e de outros escritos meus que encontrardes depois da minha morte, vós e Bartolommeo (de’Dominici) e frei Tomaso (Caffarini) e o Mestre (Giovanni Terzo) e fazei deles o que vos parecer melhor para a glória de Deus, com o auxílio de Messer Tommaso (Buonconti, de Pisa)” (Carta 373)³⁸.

O que percebemos é que era desejo dela que seus escritos fossem transmitidos e os discípulos obedeceram a seu testamento compilando suas cartas e editando seus escritos, permanecendo desta forma para a história, o que os caracteriza, segundo Le Goff como documento-monumento³⁹.

O diálogo e as cartas contêm críticas fortes ao clero da época, e por esta razão sofreu diversas censuras, principalmente no capítulo do *Diálogo* em que trata dos vícios do clero, sendo suprimidas certas partes nas traduções francesas, o que prova que as ideias de Catarina estavam bem a frente de seu tempo, possuía uma visão crítica da Igreja apesar de permanecer nela e promover a obediência à hierarquia eclesiástica, talvez por este motivo, apesar das fortes críticas recebeu permissão por parte da Santa Sé para serem publicados.

³⁷ Frade dominicano, teólogo, diretor dos estudos catarinianos no Brasil e tradutor da fonte que utilizo. Paralelo a sua publicação realizou pesquisas de caráter lingüístico, histórico e geográfico as quais utiliza para referenciar em notas de rodapé em sua tradução. Cada epístola inicia com, um número e, em seguida, Basílio, classifica conforme seu critério com um título que dá a idéia geral da carta.

³⁸ BASÍLIO, Frei João Alves. *Vida de Santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 70

³⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2 ed. Campinas- SP: Unicamp, 1992.

As biografias e os escritos que temos de Santa Catarina de Sena chegaram até nós por meio de seus discípulos, e foram ditados a eles por ela. Quando se dita uma carta ou um texto a alguém, sabe-se que o que escreve vai conferir a este texto sua marca, o sentido é o mesmo, mas a pessoa que escreve acaba corrigindo imperfeições, principalmente se este for mais culto do que aquele que dita. Catarina não sabia ler nem escrever é o que nos diz seus hagiógrafos⁴⁰. Como já citado acima, aprendeu a ler o Breviário com Alessia Seracini, mas este aprendizado era suficiente apenas para pequenos recados que dava no final de suas cartas, para a assinatura e para leitura do Breviário. A moldura clássica e bem escrita das cartas quem dava forma era seus secretários.

As cartas também foram mutiladas em alguns aspectos, as partes pessoais das cartas foram extraídas no momento das compilações, os secretários se atinham a copiar os trechos bíblicos e as exortações, coisas de cunho prático como agradecimentos a benfeitores acabou por se perder.

Suas cartas seguem uma seqüência e é esta constante que torna possível o seu reconhecimento dentre outros autores. A saudação abaixo sempre aparece ao início:

*“Em nome de Jesus cristo e da amável Maria, caríssimo irmão em Jesus Cristo, eu Catarina, inútil serva...”*⁴¹

Apresenta alguma variável, mas vai sempre citar Jesus e Maria. Se, se reporta a sacerdotes, ou ao Papa, vai se dirigir ao destinatário chamando-o de “pai”. Após saudação segue uma reflexão bíblica, que varia de acordo com o tempo litúrgico, Catarina sempre prefere o tema do Cristo Crucificado e do Sangue do Cordeiro derramado na cruz pela humanidade⁴². Após segue a parte de exortação

⁴⁰ Nos dizem também que a mesma veio, a saber, ler e escrever posteriormente por meio de um “milagre”.

⁴¹ Carta nº 24.

⁴² Mullet, afirma em seu livro que no século XIV passou a ser um hábito popular a devoção ao Cristo crucificado, segundo ele, isto pode estar associado ao sofrimento pelo qual toda a Europa passou durante a peste de 1348-49 e 1374. O Cristo passa a ser mais humano e o seu sofrimento pela humanidade a ser venerado numa aproximação, quase que uma consolação pelo sofrimento do homem europeu pelas inúmeras mortes e pela fome que se seguiu. MULLETT, Michael. A contra Reforma. Lisboa: Gradiva, 1984. p. 12

onde costuma ser bastante rígida, utiliza palavras fortes, e sua característica principal é: “*Io Voglio*”, “é da vontade de Deus e a minha”, seu querer é bem estabelecido em suas palavras. O desenvolvimento por vezes é longo, diz seus biógrafos que Catarina ditava suas cartas durante seus êxtases, e quando não possuía uma ótima memória para retoma-las de onde havia parado. Dizem eles, também que ditava mais de uma carta de uma só vez. Há que se questionar esse relato, contudo há de se admirar também que tenha escrito tantas cartas em tão pouco tempo, de 1372 a 1380.

Após o desenvolvimento segue uma reflexão pessoal, diplomaticamente humilde de pedido de perdão ou de orações, pede desculpas pelas palavras fortes, pela falta de humildade etc. sua fórmula final é sempre a mesma:

*“Altro non ti dico. Permane nella santa e dolce dilezione de dio. Gesù dolce, Gesù amore.”*⁴³

A base da biografia de Catarina foram os cadernos de Frei Tommaso della Fonte, frade dominicano, primeiro confessor de Catarina e primo da mesma. Estes cadernos passaram às mãos de Frei Raimundo de Cápua em ocasião do Capítulo de Florença, quando foi designado para confessor espiritual da Santa Senense. Raimundo de Cápua no período que escreve a hagiografia da santa é superior da Ordem Dominicana, já havia escrito a hagiografia de Santa Inês (+ 1317), portanto não era inexperiente no assunto. Iniciou sua obra em 1384 e terminou em 1395. suas fontes foram além dos cadernos de Tommaso, relatos da mãe Lapa, de sua cunhada, a irmã mantellate Lisa, das irmãs Mantellate, outros relatos de memória. Raimundo apresentou a preocupação de sempre registrar suas fontes. Trata-se esta da Legenda Maior. A legenda menor foi escrita por Frei Caffarini, este utiliza como fonte memórias próprias e a Legenda Maior de Frei Raimundo de Cápua.

Há controvérsias entre os estudiosos sobre Catarina de Sena sobre alguns relatos atestados nas legendas, em particular na de Caffarini, a saber, a questão dos

⁴³ Outra coisa não tenho a dizer. Permaneça na santa e doce dileção de Deus. Jesus doce, Jesus amor. (Tradução da autora).

estigmas e a idade de sua morte. Neste período ocorria certa rivalidade entre as Ordens Dominicana e Franciscana, o que poderia questionar a semelhança dos dois santos haverem recebido os estigmas, contudo nada há de concreto a este respeito.⁴⁴

Há uma intensa produção de trabalhos a respeito de Santa Catarina de Sena, na sua maioria religiosos e poucos na linha histórica. todo este interesse se deve ao fato de esta ser co-padroeira da Europa juntamente com Santa Brígida da Suécia e de Santa Tereza Benedita da Cruz (Edith Stein). Ela é também co-padroeira da Itália juntamente com Francisco de Assis. O Papa Paulo VI a proclamou Doutora da Igreja em 1970, a primeira mulher com este título, as outras que a acompanham posteriormente foram: Santa Tereza D'Ávila e Santa Terezinha do Menino Jesus.

Segue em anexo uma lista de alguns estudos recentes realizados na Europa sobre Catarina de Sena por dominicanos e outros, os quais não os cito na referência por ter tido somente conhecimento das mesmas, não tive acesso às obras. Consiste num maravilhoso convite para a continuação dos estudos referentes a esta mulher, pois permanecem ainda algumas incógnitas sobre ela como se sua influência foi por sua mística e liderança, ou talvez pelas pessoas, no caso os freis dominicanos do período que a cercavam, que a tornaram influente politicamente. Sua fama de santidade sem dúvida, juntamente com sua teologia inédita, que se pode conferir nitidamente em seu livro “O Diálogo”, a projetaram como um diferencial, mas questiono: se não estivesse cercada por tantos e tão bons secretários ela teria tido tamanha repercussão ou até mesmo seus ensinamentos haveriam de ter tido durabilidade?

⁴⁴ JOERGERSEN, J. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944. Apêndice, p. 414.

5 ANÁLISE DA FONTE

Analiso a seguir as seguintes cartas que se encontram anexadas a este trabalho, a saber:

- Carta nº28 a Bernabó Visconti
- Carta nº 230 aos Oito da Guerra
- Carta nº 377 aos governantes de Florença
- Carta nº 196 ao Papa Gregório XI
- Carta nº 302 ao Papa Urbano VI
- Carta nº24 ao cura Beringhieri Arzochi
- Carta nº 370 ao Papa Urbano VI
- Carta nº127 a Frei Bartolomeu Dominici e Frei Tomás Caffarini

As cartas de Catarina apresentam algumas constantes como já citei antes neste trabalho, sua saudação sempre vai iniciar em nome de Jesus e não deixa de citar junto sua mãe Maria:

“Em nome de Jesus Cristo crucificado e da bondosa Maria, reverendo pai no doce Cristo Jesus, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue...” Carta nº28.

“Em nome de Jesus Cristo crucificado e da nossa bondosa Maria, santíssimo e reverendíssimo pai em Cristo Jesus, eu, Catarina, indigna e misera filha vossa, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue...” Carta nº302.

Após a saudação geralmente desenvolve um tema bíblico ou de acordo com a liturgia do período em que escreve a carta. As cartas que escreve na quaresma sempre apresentam meditações sobre a cruz e o sofrimento de Cristo. Um tema que lhe é caro é o sangue de Cristo derramado na cruz. Catarina chega a desenvolver a teologia da adega de Deus. A Igreja é adega de Deus, que guarda o sangue de Cristo, o portador da chave da adega é o Vigário de Cristo, o Papa, que delega sua distribuição aos seus ministros, somente através do sangue os fiéis podem alcançar a

redenção. O sangue de Cristo é a principal prova de amor Dele pela humanidade.⁴⁵ A menção ao sangue de Cristo é uma constante em seus escritos.

“(...) Possuí em paz vossas cidades, usando de justiça com vossos súditos quando falharem, mas não quanto aos ministros do precioso sangue. Outras mãos não vos ministrarão o Sangue, sem o qual não tereis os benefícios divinos”. Carta n° 28.

Sua despedida é constante é característica particular de Catarina:

“Nada mais acrescento. Permanecei no santo e doce amor de Deus. Humildemente imploro a vossa benção. Jesus doce, Jesus amor!” Carta n° 370.

“Nada mais acrescento. Permanecei no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor”. Carta n° 377.

Os temas de suas cartas também se repetem:

- A defesa do poder Pontifício, segunda ela de delegação divina;
- a unificação da Igreja;
- a paz entre os cristãos;
- o retorno do Papado a Roma;
- a formação de uma nova Cruzada.

Na carta a Bernabó Visconti⁴⁶ encontramos todos estes elementos, sobre o Vigário de Cristo na terra ela vai dizer:

“Ainda que ele fosse um demônio encarnado, jamais devo levantar minha cabeça contra ele. Sempre devo humilhar-me e implorar misericórdia. É a única maneira de receber ou participar dos frutos da Redenção. Peço-vos que nada façais contra o vosso Chefe.(...) Para quem o Papa abrir a porta, estará aberta; para quem ele fechar, fechada ficará. A ele pertencem o poder e a autoridade. Deles, ninguém o despojará, pois os recebeu do próprio Jesus (Mt 16,19). Carta 28

Catarina não mede palavras para defender o que acredita, defende com a mesma veemência todos os ministros da Igreja, ainda que seja consciente de suas falhas.

“Digo-vos, pois, pai e irmão caríssimo no doce Cristo Jesus. Deus não quer que vós ou qualquer pessoa sejais justiceiro dos seus ministros. Ele reservou tal função para si e para o seu Representante. Se este se omite, apesar de ser seu dever e estar falhando, humildemente devemos esperar a punição e a correção mesmo que perdêssemos todos os nossos bens, pois devemos preferir as realidades espirituais e a vida da graça a eles e a vida corporal”. Carta n° 28

⁴⁵ Ver mais no Diálogo escrito por Catarina de Sena.

⁴⁶ Bernabó Visconti era o tirano de Milão e se encontrava a anos em guerra com os Territórios Pontifícios, não aceitava ele a autoridade Papal, invadiu com mercenários várias vezes os territórios Pontifícios. Era a principal ameaça em Itália contra o Papa. Ver contexto.

Denota-se por esta carta a Bernabó que Catarina segue a linha de pensamento de São Tomás de Aquino, a saber, do livre-arbítrio:

“Em nossa alma Deus colocou o que há de mais forte: o “sim” e o “não” da vontade. O “sim” do consentimento leva ao pecado na procura do prazer desregrado; pelo “não”, a vontade prefere a morte a ofender a Deus e prejudicar a alma. Assim, ela defende a cidade da alma, exerce o domínio sobre si mesma e sobre o mundo inteiro”. Carta nº 28

Ela é defensora da hierarquia eclesiástica, contudo, aos próprios ministros vai denunciar seus erros, porém, sempre ao lado da Igreja. Deixa bem clara sua posição em suas cartas e outros escritos. Exorta os sacerdotes quanto seus erros de simonia e outros. Na carta ao cura Beringhieri Arzochi podemos analisar como o sacerdócio do período estava bastante corrupto religiosamente, Catarina defende os ministros, contudo, como já afirmei acima não deixa de contemplar seus erros.

“Oh, como será miserável e infeliz, então, aquela pessoa que usou como espelho as afeições carnis e nelas se resolveu como o porco na lama. De ser racional torna-se feio animal. Revolve-se, ainda, em corrupta avareza, ao vender muitas vezes os favores e dons espirituais. Inchados de soberba, sempre a gastar em honras e banquetes, com muitos servos e fogosos cavalos, o que deveria ser dado aos pobres⁴⁷. Tais são as obras que apresentam para o julgamento e sentença da coitadinha da alma no momento da morte. O infeliz acreditava estar agindo contra Deus, mas de fato agia contra si mesmo. Tornou-se um juiz a condenar a si mesmo, merecedor da morte eterna”. Carta nº 24.

Defendia o Papa mesmo ciente de seus defeitos:

“Comunico-vos que o Papa (Gregório XI) mandou até aqui um seu representante, o diretor espiritual daquela condessa que morreu em Roma. É aquele que renunciou ao episcopado por amor à virtude. Ele veio falar comigo em nome do Santo padre, pedindo que eu fizesse oração por ele e pela santa Igreja. Como sinal, trouxe-me uma santa indulgência. Gaudete et exultate, porque o santo Padre está começando a olhar para a honra de Deus e da Santa Igreja⁴⁸”. Carta nº 127.

Pelo trecho acima, da carta endereçada a Frei Bartolomeo e Frei Tomás, que Catarina recebe um enviado do Papa, o que prova que Gregório a consultava, e se a consultava é porque acreditava que a santa mística possuía um diálogo direto com Deus, pode ter sido este o motivo de que o encorajamento de Catarina tenha

⁴⁷ Grifo meu.

⁴⁸ Grifo meu. Para Catarina, verdadeira italiana, o Papa passaria a olhar para Igreja mais fervorosamente quando retornasse à Itália.

sido decisivo para seu retorno a Roma. Em sua biografia lemos que Gregório era um homem indeciso e constantemente a busca de sinais de Deus.⁴⁹

Catarina se envolveu em muitos assuntos políticos de seu tempo, as cartas 230 e 377 comprovam tal ação.

A cidade de Florença estava em guerra com os Territórios Pontifícios. No mês de agosto de 1375 foram eleitos oito magistrados para dirigir a luta, sendo-lhes dado o nome de “Oito da Guerra”. Eram eles: João Dini, Ricardo Bardi, João Magalotti, André Salviati, Tomás Strozzi, Gucio Gucci, Mateus Soldi e João de Mone. Tais dirigentes políticos atraíram para a revolta contra os Territórios Pontifícios mais de 30 cidades, na “Liga das cidades Toscanas”. Quando o Papa Gregório XI lançou a excomunhão e o interdito sobre Florença aos 31 de março de 1376, o descontentamento do povo e o prejuízo econômico dos comerciantes florentinos obrigaram os “Oito da Guerra” a procurar a paz com o Papa. Pediram eles que Catarina fosse a Avignon, abrindo caminho a tratativas de paz. Como os embaixadores de Florença demorassem, Catarina escreve uma carta aos Oito da Guerra.

Catarina encontra-se em Avignon quando escreve esta carta (nº 230), ela defende a obediência ao Papa, aborda a questão da isenção do pagamento de taxas por parte dos clérigos, o qual estava sendo cobrada em Florença. Catarina insiste em obter a paz entre Florença e o Papado, contudo seus esforços parecem ser inúteis, ambas as partes não cedem. As exigências de Gregório são muitas e não se chega a um consenso⁵⁰.

O clero possuía plena isenção de taxas de impostos, e ainda recebia imposto por feudos arrendados. No período de guerra entre Florença e o Papado, a cidade da Liga Florentina vai cobrar pesados impostos dos ministros da Igreja o que vai escandalizar Catarina:

⁴⁹ MCBRIEN, Richard. **Os Papas de São Pedro a João Paulo II.** (Barbara Theoto Lambert) São Paulo: Loyola, 2000. p. 252

⁵⁰ MCBRIEN, R., op cit. p. 253

“Queixo-me, porém, fortemente de vós, se for verdadeiro o que se diz aqui (em Avignon), isto é, que estais cobrando imposto dos clérigos. Tal coisa seria um grande mal, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque ofendeis a Deus. Em boa consciência, não podeis fazê-lo. Seria estar perdendo o sentido de toda virtude, na única preocupação dos bens materiais e transitórios, que passam como o vento...”. Carta nº 230.

A segunda carta também designada aos florentinos, foi escrita dois anos depois, a paz ainda não havia sido estabelecida, Gregório XI havia retornado à Roma e a hostilidade contra ele havia aumentado após o ataque do cardeal Roberto de genebra a Cesena, um mês antes desta carta⁵¹. Catarina encontra-se em Florença em missão de Paz, a pedido de Gregório XI que acaba por falecer antes que a missão seja concluída.

“Suplico-vos, pois. Na medida das vossas forças, procurai demonstrar gratidão (ao Papa), obter (dele) a celebração da Missa e a absolvição (da excomunhão), de maneira que seja permitida a recitação do ofício em louvo a Deus e a realização de uma devota procissão. Desse modo, serão expulsos e ligados pela doce corrente do amor os demônios que invadiram a cidade e destruíram nas pessoas a luz e o reto conhecimento. Ao invés de nos prejudicarem, nós os prejudicaremos. Por tal forma, realizareis o vosso e o meu desejo de reformar vossa cidade e conserva-la na verdadeira e perfeita paz”. Carta nº 377

A carta foi escrita em 23 ou 24 de julho do ano de 1378, é endereçada aos Oito da Guerra que continuavam no poder, ela é obrigada a fugir antes do término da carta que é enviada a eles da cidade de Sena.

De janeiro a março de 1378, Catarina é enviada a Florença pelo Papa Gregório XI para negociar a paz com o governo da cidade, a cidade se encontrava dividida entre guelfos (favoráveis a paz com Roma e amigos de Catarina) e guibelinos (contrários à paz e inimigos de Catarina). No dia 27 de março morre o Papa Gregório XI e é eleito para substituí-lo o Papa Urbano VI. As dificuldades partidárias se acirram em Florença e os guibelinos querem matar a “bruxa” Catarina. Por isso Catarina fala em sua carta que há os que a odeiam.

“Mas vejo que o demônio semeou injustamente nos corações (dos florentinos) grande ódio contra mim. Achei melhor não acrescentar ofensa sobre ofensa., Isso aumentaria a ruína. Pela graça divina deixei a cidade e peço a Deus que pacifique, uma e entrelace vossos corações, de uns e de outros, pelo vínculo da caridade, de maneira que nenhum demônio ou criatura vos possa separar”. Carta nº 377.

⁵¹ MCBRIEN, R., op cit. p. 253

A assembléia onde se iria assinar o acordo de Paz foi dissolvida e as negociações somente seriam concluídas no período do Grande Cisma, com o Papa Urbano VI. Percebe-se em suas palavras uma grande devoção ao Papa e ao mesmo tempo, podemos perceber que o respeito pela instituição Papal havia diminuído, ao menos entre os governantes. O Interdito não lhes conferia tanto temor quanto antes, nem mesmo economicamente não lhes afetava, pois conseguiram várias cidades para aderirem à sua causa. O respeito e o temor à Igreja não afetam mais a todos, senão não seria necessário tanto empenho por parte de Catarina em convencê-los.

Para Catarina governar não está desvinculado da religião, ser governante é uma missão divina, quase um sacerdócio:

“Sendo súdito, observa os Mandamentos e a lei civil, nunca desprezando os preceitos e leis do Senhor. Se for um consagrado, cumprirá a regra da sua Ordem até a morte. Se for governante, nele brilhará a pérola da justiça, pois agirá em conformidade com o direito diante de pequenos e grandes, pobres e ricos; não subverterá o conceito de justiça para agradar às pessoas, para ganhar dinheiro ou por interesses pessoais; por não cuidar dos próprios interesses de toda a cidade, o governante não olha para as ofensas recebidas, guardando ressentimento, mas procura o bem comum. A justiça é uma bela virtude, que realiza a paz, entre o homem e seu criador, entre cidadão e cidadão. A justiça brota da fonte do amor, brota da perfeita união que se alicerça em Deus e no homem”⁵². Carta nº 377.

Na Carta nº 196, Catarina aborda três assuntos candentes: o perdão aos florentinos, o retorno do Papa a Roma e a convocação de uma nova Cruzada. Na carta a Bernabó Visconti ela também aborda o tema da Cruzada, colocando a ele como único meio de reparar todo o tempo em esteve afastado da Igreja.

“Como remediaremos o tempo em que estivestes fora da Igreja? Sobre isso, há uma ocasião de realizar uma reparação amorosa e elegante: da mesma maneira que empregastes o corpo e o dinheiro, com perigo de vida, na guerra contra o vosso pai (o Papa), convido-vos em nome de Cristo crucificado a estabelecer agora uma paz total com o benigno Cristo-na-terra fazendo guerra aos infiéis, dispondo-vos a colocar o corpo e os bens materiais em favor do crucificado. Aceitai. É conveniente tal reparação. Como fostes contrário, sede agora favorável, quando o pai elevar o estandarte da santa cruz (na Cruzada). Este é o grande desejo e a vontade do santo Padre. Quero que sejais o Comandante principal e peçais ao santo Padre que se apresse. Que vergonha e desonra, deixarem os cristãos que os infiéis se apossam dos lugares santos, fiando a guerrear entre si. Por ódio e rancor estão separados uns dos outros, bem num ponto em que deveríamos estar unidos pelos laços da divina e ardente caridade”⁵³. Carta nº 28

⁵² Grifo meu.

⁵³ Grifo meu.

Catarina chega a ir a Pisa convocar pessoas em prol da Cruzada, ela acredita que somente uma guerra contra os infiéis, poderia por fim a guerra entre os cristãos. Este seria o meio de se alcançar a Paz.

“Em nome de Deus eu vos convido a realiza-la quanto antes, sem demora. Todos dela participarão com grande amor, dispostos que estão a dar a vida por Cristo. Ó meu Deus! Ó meu querido pai! Erguei logo o estandarte da cruz e vereis os lobos se mudarem em cordeiros. Paz, paz, paz, a fim de que a guerra (entre cristãos) não faça demorar tal acontecimento”. Carta nº 196

Também foi esta a intenção da primeira Cruzada convocada por Clemente V. A Cruzada de Catarina nunca viria acontecer, mesmo que este também fosse o desejo de Gregório XI.

Catarina tem bastante liberdade ao escrever ao Papa, com autoridade, porém com diplomacia. Mesmo sendo uma ferida na Igreja ela se remete à corrupção dentro da Igreja e aos abusos realizados pelos governantes em Florença e em outras cidades da Itália, no período que o Papado esteve em Avignon.

“Sei que o povo está consciente que agiu mal. Justificação na havia para seu comportamento, mas as pessoas achavam que não podiam agir de outro modo, por causa dos muitos sofrimentos, injustiças e maldades que suportavam da parte dos pastores e governantes. Devido à vida desregrada de muitos responsáveis, demônios encarnados como vós sabeis, as pessoas tiveram medo...”. Carta nº 196

Os responsáveis de que trata são os legados pontifícios, quase sempre estes são franceses, o que os italianos consideram uma afronta, são corruptos, em sua maioria, e apresentam uma vida desregrada, não são vocacionados, são administradores. Por serem da Igreja não pagam impostos e exigem somas altas de doações, principalmente este fator econômico vai fazer com as cidades italianas se rebelem contra o Papa. Havia, também, olhos ávidos sobre o Território Pontifício, tratava-se das terras mais férteis e de onde provinha a maior parte do trigo da Itália⁵⁴.

⁵⁴ A desavença entre Florença e o Papa teve início com um interdito por parte do legado Pontifício da exportação do trigo. O legado procurava com isso obrigar os florentinos a pagar 60.000 florins para impedir

O outro modo de se chegar a Paz e a Unidade, segundo Catarina, seria além da Cruzada o retorno do Papa à Roma o que lhe pede veementemente nesta Carta:

“Voltai, voltai (a Roma)! Não resistais à vontade divina, que vos chama. Ovelhas esfaimadas esperam vosso retorno, para ocupardes e tomardes posse da sede do vosso antecessor, São Pedro. Como representante de Cristo, deveis estar no lugar que vos pertence. Vinde, pois, vinde sem demora! Criai coragem, sem medo de que algo aconteça, pois deus estará convosco”. Carta nº 196

As duas outras Cartas que são enviadas a Papa, trata do Papa Urbano VI, o Papa que deu início ao grande Cisma, contexto explicado no primeiro capítulo deste trabalho.

Urbano VI já se encontrava em Roma, quando recebe estas cartas, encontrava diversas dificuldades em seu governo, por conta do descontentamento geral da população com os clérigos, com os legados pontifícios, a corrupção em que dos cardeais, a divisão entre cardeais italianos e franceses e devido também ao temperamento genioso de Urbano VI, o que se percebe pelas exortações de Catarina na carta.

Catarina sempre esteve ao lado de Urbano VI, seu gênio era bastante irascível, tendo se desentendido com um dos discípulos de Catarina, ela escreve a ele intercedendo por este e dando-lhe conselhos para ser mais brando com os fieis. Catarina como nas outras cartas escreve com autoridade, contudo com mais diplomacia que antes, para não provocar a ira do Papa.

“Ó pai santíssimo, tende paciência quando alguém vos fala sobre tais assuntos. As sugestões vos são ditas unicamente para a glória de Deus e o vosso bem, assim como um filho terno e amoroso faz com seu pai, por não tolerar que coisas prejudiciais e humilhantes aconteçam ao pai. O filho solícito está sempre atento, por ver que o pai tem de governar uma família numerosa e não pode enxergar mais do que é possível a um homem”. Carta nº 302

Na carta que segue Catarina continua dando conselhos ao Papa Urbano VI e vamos perceber o quanto ela estava profundamente engajada na política de seu país. Ela vai aconselha-lo a respeito da escolha dos novos cardeais, contudo Urbano VI não segue seus conselhos, apesar de tê-la convidado para morar em Roma e assim estar mais próxima a ele, para apóia-lo na questão do Cisma, Urbano Vi seguia o

que o condottiere Hawkwood invadissem os Territórios Pontifícios. JOERGERSEN, J. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944.p. 210

que desejava e decidia, utilizava Catarina, contudo, para falar aos outros a seu favor, ou seja, utilizava sua influência como santa mística.

“Estou me referindo, pai santíssimo, aos pastores que são colocados na hierarquia da santa Igreja. Importa que tais pessoas estejam á procura de Deus e não de prelaturas”. Carta n° 302

“Que eu vos veja governar a santa Igreja e as vossas ovelhas com muita prudência, de maneira quer não tenhais de desdizer nenhuma ordem dada, nem mesmo a menor palavra. Que diante de Deus e dos homens sempre apareça uma firmeza fundamentada na verdade, como convém a um Santo Pontífice”. Carta n° 370

Seguindo adiante, nesta carta 370, Catarina lembra ao Papa Urbano VI, ao incidente ocorrido em 1375, quando da rebelião de algumas cidades italianas contra o Papa, sob comando de Florença, devido ao mau governo dos legados pontifícios. Catarina escreve esta carta três meses antes de sua morte.

“Vós não tendes necessidade de pessoa assim, mas de alguém amante da paz, não da guerra. Ainda que pessoalmente ele o faça por zelo de justiça, são numerosos os que agem desordenadamente e por ímpeto de ira, fora de toda ordem e racionalidade. Peço a vossa Santidade com insistência que tenhais pena da fraqueza dos outros, procurando um médico que cure sua enfermidade. Não fiquéis esperando que ele morra. Afirmo-vos que se não for dada uma solução, a enfermidade crescerá. Lembro-vos a grande ruína que aconteceu em toda a Itália porque não se tomou providencia quanto aos maus responsáveis, os quais exerciam o governo de tal modo que despojaram a Igreja de Deus. Sei que vós estais a par do que aconteceu”. Carta n° 370

Pode-se perceber que a Igreja encontrava-se num turbilhão de maus acontecimentos. O Papa estava a perder o controle, seu poder temporal já quase nem existia e o espiritual encontrava-se abalado por conta do cisma, dos cardeais e da corrupção entre o clero, assuntos preocupantes para Catarina, fervorosa defensora do poder pontifício, se é necessário defender tanto, é porque as bases deste poder estavam se ruindo com bastante velocidade.

Ele não via deixar de existir, contudo não será mais como nos tempos áureos da Idade Média, em que o poder temporal e espiritual encontrava-se nas mãos da Igreja ou pelo menos dependiam dela, a Igreja. Já não exercem tanto temor a excomunhão e o anátema, a Igreja continua influenciando, mas já existe quem a conteste, é uma prévia do que acontecerá na seqüência, a Reforma Protestante e a Contra-Reforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta monografia, uma dentre as minhas varias conclusões é que ainda há muito que se estudar sobre o assunto. Aqui avalio somente oito das 382 cartas escritas por Catarina e há muito ainda que se analisar sobre elas, há outras hipóteses a serem levantadas e comparações a serem refletidas com os outros documentos que Catarina deixou: “O Diálogo” e “As Orações”. Existem também outros escritos sobre Santa Catarina de Sena, os quais cito ao final desta monografia e que desejo continuar sua leitura e análise numa pós-graduação. Também pretendo analisar as cartas originais, escritas em italiano. A versão traduzida foi muito útil, contudo o tradutor, Frei João Alves Basílio, deu uma versão contemporânea ao escrito e gostaria muito de analisá-las na íntegra. Quanto ao contexto pretendo estudá-lo mais profundamente, há muito que pesquisar sobre este período, século XIV, há coisas que ainda permanecem nebulosas.

Catarina Benicasa é uma personalidade singular do seu tempo, mas não deixa em nenhum momento de ser um reflexo dele. É singular: pela sua influência, por ser mulher independente dentro de suas limitações, por ser uma personagem diversa das figuras erroneamente pintadas de mulher medieval. Soube se sobrepôr às vontades de sua família e da sua Ordem Religiosa, não deixando de ser uma Dominicana. Permanece uma incógnita o poder de influência que suas cartas demonstram, uma hipótese é sua misticidade, fenômeno presente nos Séculos XIII e XIV com outros exemplos como: Santa Brígida da Suécia, Santa Margarida de Cortona, Pedro d’Aragão e outros que foram ouvidos e se tornaram conselheiros de príncipes, reis e figuras eclesiásticas. Homens e mulheres em que lhe eram atribuídos valores místicos e sobrenaturais pela austeridade de suas vidas, pelas boas obras e pelos êxtases alcançados por meio das orações e da Eucaristia. Talvez Catarina siga um modelo vigente, como das santas anoréxicas, questão levantada por Weinberg, em seu trabalho sobre Santa Rosa de Lima, e sua ascese seja espelhada em outros santos do período e do século anterior, São Domingos e São Francisco.

De São Francisco nota-se a herança da defesa dos ministros da Igreja e de São Domingos as mortificações corporais. Apresenta também bases fundadas em Tomás de Aquino, teólogo venerado no meio dominicano; sua proximidade com Tomás de Aquino é percebida na concepção da teoria do livre arbítrio. Estava em voga no século XIV e seguintes, contrapondo-se a teoria da predestinação de Santo Agostinho e se encontra presente em suas cartas.

Pelas cartas dá a entender tratar-se de uma mulher culta, o que também é uma incógnita já que suas cartas eram ditadas aos seus secretários, boa parte deles teólogos dominicanos. Suas cartas continham sua essência, mas eram lapidadas por seus secretários, há também o fato de que foram compiladas a *posteriori* de sua morte, foram mutiladas no que se refere a assuntos de natureza prática, que eram deixados de lado, por se tratarem de assuntos pessoais. Sua teologia do sangue de Cristo, da comparação da Igreja como sendo a adega de Deus é totalmente inovadora e é o que vai lhe conferir o título de doutora da Igreja, mesmo que tardiamente.

Os frutos de seu saber intelectuais foram plantados com certeza pelos discípulos que a cercavam conforme apresentamos no segundo capítulo desta monografia sobre a biografia de Catarina, mas sua influência e o porque de tantos a seguirem, somente encontro resposta na mística deste período. Ela se enquadra em todas as características, segundo afirma Vauchez, sobre a mística do século XIV. Os outros meios que lhe poderiam conferir alguma autoridade, ela era totalmente desprovida, a saber, o poder econômico ou político.

Catarina nos fornece por suas cartas o quadro de uma Igreja bastante conturbada. Com querelas internas e externas, com um crescente descontentamento por parte do mundo secular, que pode ser constatado pelas lutas entre as Cidades Estados Italianas e os Territórios Pontifícios. Aponta para uma divisão interna entre os cristãos por meio de seus constantes discursos de unificação e de pacificação. Pede paz entre os sacerdotes, entre os governantes, entre os governantes e o Papa, entre o povo e o representante pontifício, entre as famílias, o que é relatado no

capítulo sobre o contexto desta monografia, capítulo 1, demonstra um constante estado de guerra e de divisão na Itália e no Ocidente.

Catarina propõe como solução para este estado permanente de guerra o retorno do Papa para Roma e a formação de uma nova Cruzada. Pela Cruzada os fiéis cristãos deixariam de lutar entre si, para unirem em guerra contra os infiéis para o resgate dos lugares sagrados. O clamor de Catarina não é tanto pelo tomada dos lugares santos, mas pela unidade, pela paz, que seria fornecida, segundo ela, numa nova luta contra outros inimigos que não eles próprios. O retorno do Papa era fundamental para isso, Catarina reconhece o valor da tradição em que está imbuído o lugar onde São Pedro foi martirizado. A tradição dos apóstolos que carrega Roma e as catacumbas dos santos mártires. Um Papa distante perdia o valor que tinha se mais próximo dos olhos dos fiéis.

A infalibilidade do Papa, que só seria atestada no Concílio de Trento, já era defendida por Catarina, ele seria o representante de Cristo na Terra, sua vontade seria inquestionável (Carta nº 28). O Papa teria a chave das portas do céu, ele fora escolhido o protetor da adega onde está o sangue de Cristo. “É o sangue de Cristo que concederia a redenção, portanto, somente por meio dele se chegaria a salvação, e esta passaria impreterivelmente pela Santa Igreja, mesmo que seus ministros fossem pecadores e indignos até mesmo do Inferno”, Catarina vai dizer isto em seu “Diálogo”. Não cabe aos homens de forma alguma julgar os ministros de Deus, somente Deus pode ser o juiz, aos fiéis cabe somente o respeito e a obediência (Carta nº 28). Ela usa termos bastante fortes para convencer os destinatários de suas cartas, fornece conselhos a muitos, e ainda que nem sempre fosse ouvida, como já destaquei, sua obra teve influência no retorno do Papado a Roma em 1376. Seu trabalho pastoral é bem vasto neste período, talvez o maior no século XIV e foi a que mais próxima esteve neste período da cúpula do poder religioso, ao lado de Gregório XI e Urbano VI.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Frei João Alves. *Vida de santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulinas, 1993.

GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séc. XIV e XV - Os Estados*. Sério nova CLIO. São Paulo: Pioneira da USP, 1981.

HERTLING, Ludwig. *História della Iglesia*. (Eduardo Valenti) Barcelona: Herder, 1989.

JEDIN, Hubert. *Manual de História de la Iglesia*. La iglesia de la edad media después de la reforma gregoriana. Barcelona: Herder, 1973.

JOERGERSEN, Johannes. *Santa Catarina de Sena*. (Maria Cecília de M. Duprat) Petrópolis, RJ: Vozes, 1944.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. (Cristiana de Assis Sena) Rio de Janeiro: Imago, 2001.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Caminhando pela História da Igreja*. Editora O Lutador, 1995, v. 1.

MCBRIEN, Richard. *Os Papas de São Pedro a João Paulo II*. (Barbara Theoto Lambert). São Paulo: Loyola, 2000.

MULLETT, Michael. *A contra Reforma*. Lisboa, Gradiva, 1984

OBOLENSKY, Dimitry e KNOWLES, David. *Nova História da Igreja*. A Idade Média II. Petrópolis: Vozes, 1983.

Sciadini, Frei Patrício. *As três Doutoradas da Igreja*. Edições Shalom, 1998

SENA, Santa Catarina de Sena. *O Diálogo*. (João Alves Basílio) São Paulo: Paulinas, 1984

SENA, Santa Catarina de. *As Cartas*. (João Alves Basílio) São Paulo: Paulus, 1997.

SENA, Santa Catarina. *As orações*. (João Alves Basílio) São Paulo: Paulus, 1996

UNDEST, Sigrid. *Catarina de Sena*. (Basílio Lopes). Lisboa: Áster, s/d.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Séc. VIII a XIII. (Luiz Magalhães) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

WOLLPERT, Rudolf Fischer. *Os Papas*. (Antonio estevão Allgayer) 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZINHOBLE, Rudolf, AMON, Karl, STOCKMEIER,, Peter, LENZENWEGER, Josef. *História de la Iglesia Católica*. Barcelona: Herder, 1989

WEINBERG, Cybelle (et. al.). Santa Rosa de Lima; Uma Santa Anoréxica na América Latina? *Rev. Psiquiatria*, RS: jan/abr, 2005. 27 (1): 51-56

gustavocorcao.permanencia.org.br/conferencias/catarina.htm

<http://www.lepanto.com.br/HgCatSiena.html>

http://www.vatican.va/phone_po.html

<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n1a06.pdf>pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_de_Siena

www.dominicanos.com.pt/index.asp?art=6617

www.priory.com/psych/anrx699.html

www.vatican.va/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_01101999_co-patronesses-europe_po.html

ANEXOS

Carta nº28 a Bernabó Visconti (pág. 124)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da bondosa Maria, reverendo pai no doce Cristo Jesus, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de ver-vos participante do sangue do Filho de Deus, como filho criado pelo Pai à sua imagem e semelhança, e como servo remido, a caminhar no amor e no santo temor de Deus.

Vós sabeis que não tem parte no Sangue a pessoa que não ama seu Criador com amor filial. Tal amor é necessário. Caríssimo pai, que coração existe tão endurecido e obstinado, que não se comova ao pensar na afeição e amor que a Bondade divina lhe dedica? Amai, amai! Pensai que fostes amado antes de amardes. No seu íntimo pensamento, Deus se apaixonou da beleza humana, movido pela chama do seu inestimável amor por um único motivo: o desejo de que o homem chegasse à vida eterna e gozasse da infinita felicidade, como Ele goza. Oh, Amor infinito, revelastes-nos esse amor, do qual o homem se privara ao perder a graça com o pecado original, na desobediência cometida contra Ti, meu Senhor!

Considerai meu pai, a ação da clemência do Espírito Santo, restituindo a graça ao homem. Vede como Deus altíssimo assumiu o estado de servo em nossa natureza, mediante extrema baixeza e profunda humildade que confundem o orgulho. Envergonham-se os estultos filhos de Adão! Em que pensar, a não ser no Deus humilhado pelos homens? Como se o homem fosse auto-suficiente! Mas, na realidade, tudo o que o homem possui vem-lhe por graça, sem merecimento algum diante de Deus. Quem se conhece não ofende mortalmente a Deus, não se ensoberbece por posições sociais, por dignidade pessoal ou poder político. Ainda que alguém fosse dono do mundo inteiro, deveria considerar-se um nada, mísera criatura, sujeita à morte. Em tal pessoa, como em todas as outras, são transitórios os prazeres do mundo e se acabam. Tudo, como a vida, a saúde, os bens criados, tudo passa como o vento!

Parece-me que ninguém pode denominar-se e considerar-se senhor e dono, mas somente administrador. E não um administrador definitivo, mas temporário,

quanto agradar a Deus nosso Senhor. Se me perguntardes: “então, nesta vida, o homem não possui nenhum senhor?”, eu vos responderei: sim, tem um senhorio. O mais doce, o mais gracioso, o mais forte de todos. O senhorio da cidade da própria alma! Por acaso haverá coisa maior, grandeza maior, do que ser dono de uma cidade na qual se encontra Deus, o Bem total, Fonte de paz, da quietude, de toda consolação? De uma cidade forte, bem guarnecida, que nenhum demônio ou criatura consegue conquistar sem a sua permissão. Uma cidade que apenas pode ser destruída pelo pecado mortal, que torna o homem escravo, negação, indignidade. Mas ao menor pecado ninguém nos pode obrigar. Em nossa alma Deus colocou o que há de mais forte: o “sim” e o “não” da vontade. O “sim” do consentimento leva ao pecado na procura do prazer desregrado; pelo “não”, a vontade prefere a morte a ofender a Deus e prejudicar a alma. Assim, ela defende a cidade da alma, exerce o domínio sobre si mesma e sobre o mundo inteiro. Zomba do mundo com suas delícias, olha-a como algo corruptível. Mais ainda, como esterco (Fl 3,8). Por tal motivo dizem os Santos que os servidores de Deus são homens livres e vencedores.

Muitos conquistam cidades e castelos, mas sem vencer a si mesmos e os inimigos pessoais, que são o mundo, a carne e o demônio. Na realidade, nada venceram. Coragem, meu pai, procurai ter o domínio firme da cidade da vossa alma e combater aqueles três inimigos. Desembainhai a espada do ódio e do amor: amai a virtude e odiai o vício. Usai o braço do livre-arbítrio. E não duvideis: tal braço é forte, forte essa espada. Ninguém os conseguirá vencer. É o que parece afirmar São Paulo, quando diz: “nem a fome, nem a sede, nem as perseguições, nem os anjos, nem os demônios me afastarão do amor de Deus, se eu não quiser” (cf. Rm 8,35-39). Como é impossível que os anjos me afastem de Deus, assim é impossível que alguma coisa me obrigue ao pecado mortal sem o meu consentimento. Nossos inimigos tornaram-se impotentes. Para obtermos a liberdade, para sermos livres, o Cordeiro sem mancha aceitou a horrível morte na cruz. Pensai nesse inefável Amor! Pela morte, deu-nos a vida; pelas ofensas e dores, deu-nos a honra; mediante suas

mãos cravadas no madeiro, libertou-nos do pecado; pelo coração aberto, dissolveu a dureza do nosso coração; despojado da roupa, vestiu-nos, com seu sangue, lavou-nos. Nada devemos temer. Com as mãos desarmadas, Cristo derrotou os nossos inimigos. Fez-nos livres.

Oh Filho de Deus, bondoso Verbo! Deixaste tal sangue no corpo (místico) da Santa Igreja e desejas que ele seja distribuído pelo teu representante (o Papa)!

Deus veio em socorro das necessidades do homem, que dia a dia perde o domínio de si mesmo, ofendendo o Criador. Deus pôs na Igreja o remédio da santa confissão, que é eficaz no vigor do sangue. E a oferece não apenas uma vez, mas sempre. Sem juízo é quem deixa (a confissão) para o futuro e age contra tal representante, que retém as chaves do sangue de Cristo crucificado. Ainda que ele fosse um demônio encarnado, jamais devo levantar minha cabeça contra ele. Sempre devo humilhar-me e implorar misericórdia. É a única maneira de receber ou participar dos frutos da Redenção. Peço-vos que nada façais contra o vosso Chefe.

Não vos admireis se o demônio, como já o fez, venha por uma coloração de virtude no desejo de fazer justiça contra pastores maus e culpados. Não acrediteis nele. Não façais justiça em assuntos que não vos dizem respeito. Nosso Salvador não o quer. Ele afirma que os pastores são seus unguídos (Sl 105,15). Deus não quer que vós e qualquer que vós e qualquer outra pessoa façais tal justiça; Ele o fará. Assim como não convém que um servo assuma autoridade do juiz para exercer a justiça contra um malfeitor. Seria uma atitude má, porque não toca a ele fazer tal coisa.

E se perguntássemos: “E quando o juiz não faz justiça, sereis castigado”. Quem mandar matar receberá a mesma sentença. A lei não perdoará sua “boa” intenção ao matar o malfeitor. No caso de um juiz que é mau e não faz justiça, nem a lei nem a religião permitem que o substituais; deveis deixar ao Supremo Juiz que o condene. Deus não permitirá que as injustiças e demais faltas fiquem impunes no lugar e tempo oportunos. Sobretudo na hora da morte, depois desta tenebrosa vida, todo bem será premiado e toda culpa castigada.

Digo-vos, pois, pai e irmão caríssimo no doce Cristo Jesus. Deus não quer que vós ou qualquer pessoa sejais justiceiro dos seus ministros. Ele reservou tal função para si e para o seu Representante. Se este se omite, apesar de ser seu dever e estar falhando, humildemente devemos esperar a punição e a correção mesmo que perdêssemos todos os nossos bens, pois devemos preferir as realidades espirituais e a vida da graça a eles e a vida corporal. Os bens materiais são finitos, enquanto a graça divina é infinita e nos propicia um prêmio eterno. Se perdermos a graça, porém terminamos mal.

Refleti! Embora ajais com boa intenção, nem Deus nem a lei divina vos escusarão. Caireis mesmo na condenação eterna. Quero que jamais incidais num tal inconveniente. Afirmo-vos e suplico-vos, da parte de Cristo crucificado: nunca mais vos embarcareis nessas coisas. Possuí em paz vossas cidades, usando de justiça com vossos súditos quando falharem, mas não quanto aos ministros do precioso sangue. Outras mãos não vos ministrarão o Sangue, sem o qual não tereis os benefícios divinos. Vireis a ser, então, um membro pútrido, separado do corpo (místico) da Igreja. Oh, nunca mais, meu pai! Com humildade, quero que comigo reclineis a cabeça no peito do Cristo do céu pelo amor, e no peito do Cristo na terra, seu Representante, com respeito pelo sangue de Cristo, cujas chaves ele possui. Para quem o Papa abrir a porta, estará aberta; para quem ele fechar, fechada ficará. A ele pertencem o poder e a autoridade. Deles, ninguém o despojará, pois os recebeu do próprio Jesus (Mt 16,19).

Refleti que, entre outras coisas merecedoras de castigo e desagradáveis a Deus, está a punição dada aos ungidos de Deus, por piores que eles sejam. Pelo fato de que Cristo pareça nada ver neste mundo, não penseis que menor será a punição deles na outra vida. Quando suas almas deixarem o corpo, Deus lhes mostrará que via tudo. Quero que sejais um membro vivo da Santa Igreja, não um membro apodrecido. Recebereis grande força e liberdade, que nenhum demônio e criatura poderão destruir. Estareis livre da escravidão do pecado mortal, livre da rebeldia à santa Igreja, robustecido pela graça divina presente em vós. Único ao

vosso pai (o Papa). Peço-vos: estabeleci tal união em plenitude, sem perda de tempo.

Como remediaremos o tempo em que estivestes fora da Igreja? Sobre isso, há uma ocasião de realizar uma reparação amorosa e elegante: da mesma maneira que empregastes o corpo e o dinheiro, com perigo de vida, na guerra contra o vosso pai (o Papa), convido-vos em nome de Cristo crucificado a estabelecer agora uma paz total com o benigno Cristo-na-terra fazendo guerra aos infiéis, dispondo-vos a colocar o corpo e os bens materiais em favor do crucificado. Aceitai. É conveniente tal reparação. Como fostes contrário, sede agora favorável, quando o pai elevar o estandarte da santa cruz (na Cruzada). Este é o grande desejo e a vontade do santo Padre. Quero que sejais o Comandante principal e peçais ao santo Padre que se apresse. Que vergonha e desonra, deixarem os cristãos que os infiéis se apossam dos lugares santos, fiando a guerrear entre si. Por ódio e rancor estão separados uns dos outros, bem num ponto em que deveríamos estar unidos pelos laços da divina e ardente caridade. Laços tão fortes, que retiveram o Homem-Deus pregado e cravado no madeiro da cruz.

Animai-vos, pai! Por amor de Deus, atendei-me e fazei crescer em vós o desejo santo, dispondo-vos a dar a vida pelo Crucificado, oferecendo sangue por sangue. Como seriam felizes a vossa e a minha alma, ao ver-vos entregar a vida pelo nome de Jesus. Peço a Deus que nos torne dignos de tão grande favor, isto é, de morrer por Ele. Correi virilmente ao encontro de grandes feitos por Deus e pela exaltação da santa Igreja, da mesma forma que o fizeste pelo mundo e contra ela. Se o fizerdes, tomareis parte no sangue do Filho de Deus. Correspondei ao chamado e à clemência do Espírito Santo, que docemente vos chama, que leva os servidores de Deus a clamarem diante de Deus por vós, implorando a vida da graça. Meu pai, pensai nas lágrimas e suores que Deus os fez derramar por vós, a fim de que vos laveis da cabeça aos pés. Não desprezeis, não sejais ingrato a tão grande benefício. Vede como Deus vos ama! Vossa língua não conseguiria descrever, nem o coração sentir ou os olhos ver quantas graças Deus quer

derramar em abundância sobre vós, contanto que bem disponhais a cidade da alma, para retirar-la da servidão do pecado mortal. Sede reconhecido e grato, a fim de que não seque para vós a fonte da compaixão.

Nada mais acrescento. Sede fiel, sede fiel! Humilhai-vos sob poderosa mão de Deus! Amai e temei Cristo crucificado! Aceitai morrer por Jesus. E perdoai minha ignorância e presunção em falar demasiadamente por Jesus. E perdoai minha ignorância e presunção em falar demasiadamente. O amor e o afeto que tenho pela salvação da vossa alma me escusarão. Permaneci no santo e doce amor de Deus. A respeito do assunto, a mim pedido por vosso mensageiro...⁵⁵ Jesus doce, Jesus amor!

⁵⁵ Segundo nota de Frei João Alves Basílio, os copistas antigos não davam muito valor a assuntos pessoais, que Catarina costumava deixar para o fim das suas cartas e assim não há como saber que proposta Bernabó mandara a Catarina. BASÍLIO, Frei João Alves. *Vida de santa Catarina de Sena*. São Paulo: Paulinas, 1993 p. 131, nota 93.

Carta n° 230 aos Oito da Guerra (pág. 117)

(...) Todo ofensor que não demonstra arrependimento da injúria feita não é digno de receber o perdão. Venho convidar-vos a uma autêntica humildade de coração e não de voltardes atrás, mas a dar passos para frente, na caminhada do propósito iniciado, levando-o dia a dia até a perfeição, se é desejais ser acolhidos nos braços do pai. Como filhos que estavam mortos (Lc 15,24.32), implorareis a vida, e eu, pela bondade de Deus, espero que a receba. Todavia, é necessário que aceiteis humilhar-vos e reconhecer os próprios erros. Queixo-me, porém, fortemente de vós, se for verdadeiro o que se diz aqui (em Avignon), isto é, que estais cobrando imposto dos clérigos. Tal coisa seria um grande mal, por dois motivos.

Em primeiro lugar, porque ofendeis a Deus. Em boa consciência, não podeis fazê-lo. Seria estar perdendo o sentido de toda virtude, na única preocupação dos bens materiais e transitórios, que passam como o vento. Esquecemo-nos de que somos mortais, que deveremos morrer, sem saber quando! Grande tolice é perder a graça e dar a morte a si mesmo. Não quero que façais assim. Seria um retrocesso. Bem sabeis que não é digno da glória (eterna), quem age assim. Ocorre perseverar até a morte. Afirmo-vos que não conseguireis a paz, se não perseverardes na humildade, evitando cometer outras injurias e escândalos contra os ministros e sacerdotes da santa Igreja.

Em segundo lugar, digo-vos que seria algo nocivo e mau. Além de ofender a Deus, como ficou dito, seria um prejuízo para a paz. Ao ficar sabendo disso, o Santo padre iria sentir maior indignação contra vós. Disse-me isso um dos cardeais que desejam e procuram a pacificação, quando ficou sabendo da notícia: “não parece que os florentinos querem a paz. Do contrário, evitaria a menor atitude não favorável ao desejo do Santo Padre e às tradições da santa Igreja”. Creio que o Papa diria a mesma coisa. E com muita razão.

Pais caríssimos! Imploro-vos que não impeça a graça do Espírito Santo. Sem vosso merecimento, Ele está disposto a concedê-la por sua clemência. Também a mim causaríeis grande vergonha e ofensa. Outro efeito não procede, senão vergonha e ofensa, de quando se diz uma coisa e se faz outra. Peço-vos que não ajais mais assim. Ao contrário, demonstrei com palavras e fatos que desejais a paz, não a guerra.

Conversei com o Santo padre, por bondade divina e sua, ele me escutou de boa vontade e demonstrou ter um afetuoso amor pela paz, qual pai bondoso, esquecido da ofensa recebida do filho e confiante no seu arrependimento, para perdoar-lhe inteiramente.

Nem sou capaz de dizer quão alegre se mostrou. Após conversar com ele durante um longo espaço de tempo, ao concluir o Papa me disse que, estando as coisas como eu acabara de contar, estava disposto a receber-vos como filhos e a comportar-se como me parece melhor. Eu nada mais disse aqui (em Avignon), nem creio que outra resposta deve ser dada ao Santo Padre, até que cheguem os vossos embaixadores. Admiro-me que ainda não tenham vindo. Quando chegarem, conversarei com eles e depois irei ao Santo Padre. Então vos escreverei sobre a situação. Mas vós, com aquelas notícias, estais estragando a semente plantada. Por amor de Cristo crucificado e dos vossos interesses, não façais mais assim.

Nada mais acrescento. Permaneci no santo e doce amor de Deus, Jesus doce, Jesus amor! Avignon, dia 28 de junho de 1376.

Carta n° 377 aos governantes de Florença (pág. 107)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, caríssimos irmãos e meus senhores no doce Cristo Jesus, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de ver-vos enlaçados e unidos pelo vínculo da caridade.

O vínculo da caridade é tão forte, que nenhum demônio e criatura o conseguem romper. O que o homem une através de um amor verdadeiro torna-se inseparável. Amor e união. Não é capaz de a destruir o mundo, com seus enganos, fraudes, murmurações e infâmias; não o demônio, com sua astúcia ou diversidades e sutis falácias. Muitas vezes o diabo se instala na língua dos homens e os leva a acusar o próximo em palavras, com a única finalidade de afasta-los dos vínculos do amor. Nada pode, igualmente, a sensualidade da carne, quando a razão não aprova os desvios. Quem está unido pelos laços do amor-caridade combate virilmente o mundo, nunca é vencido, sempre vence, porque Deus, suprema e eterna fortaleza, está na sua alma pela graça. Qualquer seja seu estado de vida, tal pessoa virilmente ama a virtude, conserva-se estreitamente vinculada ao próximo pelo suave laço do amor, caridade.

Sendo súdito, observa os Mandamentos e a lei civil, nunca desprezando os preceitos e leis do Senhor. Se for um consagrado, cumprirá a regra da sua Ordem até a morte. Se for governante, nele brilhará a pérola da justiça, pois agirá em conformidade com o direito diante de pequenos e grandes, pobres e ricos; não subverterá o conceito de justiça para agradar às pessoas, para ganhar dinheiro ou por interesses pessoais; por não cuidar dos próprios interesses de toda a cidade, o governante não olha para as ofensas recebidas, guardando ressentimento, mas procura o bem comum. A justiça é uma bela virtude, que realiza a paz entre o homem e seu criador, entre cidadão e cidadão. A justiça brota da fonte do amor, brota da perfeita união que se alicerça em Deus e no homem.

Foi meditando que a justiça vos é tão necessária, sobretudo nos tempos que correm, que afirmei no início da carta estar desejosa de ver-vos enlaçados e unidos

pelos vínculos da caridade. Pois não há outra maneira de realizardes os vossos desejos.

Desejais reformar vossa cidade (Florença). Mas digo-vos que tal desejo jamais será realizado, se não procurardes eliminar o ódio e o rancor dos corações, bem como o egoísmo. Isto é, não deveis pensar só em vós mesmos, mas no bem de toda a cidade. Peço-vos, então, por amor de Jesus Cristo crucificado: para o vosso bem, não procureis colocar no governo pessoas preferidas, mas homens virtuosos, sábios e discretos, os quais- guiados pela razão- promovam a necessária ordem, a paz interior que confirme a exterior. Misericordiosamente concedida por Deus, essa paz reconciliará os filhos com o pai (o Papa), acolhendo-os no redil da santa Igreja. Não desprezeis essa grande possibilidade, que recebestes de deus após muitas lágrimas e contínua oração dos servidores do senhor, não por merecimento, mas pela chama do amor divino que não despreza a oração e os anseios dos seus filhos. Afirmo-vos que, se não fordes gratos a deus, o Criador, terminará secando-se a fonte da compaixão!

Suplico-vos, pois. Na medida das vossas forças, procurai demonstrar gratidão (ao Papa), obter (dele) a celebração da Missa e a absolvição (da excomunhão), de maneira que seja permitida a recitação do ofício em louvo a Deus e a realização de uma devota procissão. Desse modo, serão expulsos e ligados pela doce corrente do amor os demônios que invadiram a cidade e destruíram nas pessoas a luz e o reto conhecimento. Ao invés de nos prejudicarem, nós os prejudicaremos. Por tal forma, realizareis o vosso e o meu desejo de reformar vossa cidade e conserva-la na verdadeira e perfeita paz.

Todavia, se cada um quiser que prevaleça a própria opinião, com pouca sabedoria, nada conseguireis. Não havendo união, ninguém consegue manter a própria casa. Quanto mais uma cidade como a vossa. Os florentinos querem homens (de governo) maduro, capacitados, não crianças. Agi desse modo. Procurai conservar os cidadãos na cidade, não os expulsem. A saída deles jamais fez bem a Florença, que considero minha cidade.

Alcance-me o perdão (de Deus) a dor que sinto por ver a cidade (de Florença) em tão grande dificuldade. Eu não pensava em vos escrever. Queria falar-vos de viva voz, desejando honrar a Deus e ajudar-vos. Queria fazer-vos uma visita e festejar convosco a pacificação (com Roma), em prol da qual tanto me fatiguei na medida do possível à minha pouca virtude. Se dispusesse de mais forças, mais teria feito. Acabados os festejos e após ter agradecido a Deus e a vós, era minha intenção viajar e retornar a Sena. Mas vejo que o demônio semeou injustamente nos corações (dos florentinos) grande ódio contra mim. Achei melhor não acrescentar ofensa sobre ofensa., Isso aumentaria a ruína. Pela graça divina deixei a cidade e peço a Deus que pacifique, uma e entrelace vossos corações, de uns e de outros, pelo vínculo da caridade, de maneira que nenhum demônio ou criatura vos possa separar. Até o dia da minha morte, de boa vontade farei tudo o que me for possível para a vossa salvação, apesar da ação (contrária) dos demônios visíveis e invisíveis, que procuram impedir qualquer desejo santo. Retiro-me consolada, porque se realizou quanto colocara no coração ao entrar na cidade, ou seja: de não me retirar, mesmo a preço de minha morte, enquanto não vos enxergasse como filhos pacificados com o pai (o Papa), pois percebia o perigo e o prejuízo que corriam vossas almas e corpos. Vou-me embora dolorosa e triste, deixando a cidade muito amargurada. Todavia o eterno Deus me consolou num ponto e consolar-me-á quando vir pacificados num estado bom., sólido e perfeito. Podereis então agradecer e louvar a Deus, livres do estado de guerra. Espero que Deus, em sua clemência, olhe misericordioso para os desejos dos seus servidores e os realizará.

Nada mais acrescento. Permanecei no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor.

Carta n° 196 ao Papa Gregório XI (pág. 112)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da nossa bondosa Maria, santíssimo e reverendíssimo pai em cristo Jesus, eu, Catarina, indigna e misera filha vossa, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de ver-vos bom pastor.

Meu doce Pai! Ao ver que o lobo rouba vossas ovelhas e não há quem cuide delas, recorro a vós como nosso pai e pastor, pedindo-vos em nome de Jesus Cristo que façais como Ele. Para libertar a humanidade, ovelha extraviada, das mãos do demônio, numa calma ardente de amor Ele se entregou na cruz. De fato a humanidade se revoltara contra Deus pai e os demônios retinham os homens como seus. Vindo ao mundo, Deus viu o mal, a condenação e a ruína da ovelha humana; e, também, que não poderia liberta-la com a ira e a guerra. Mesmo ante as injúrias da ovelha rebelde e desobediente, a eterna e suprema sabedoria não agiu assim. Procurou o modo mais carinhoso, terno e amoroso possível. Consciente de que o amor é a realidade que mais atrai o coração humano, escolheu amar. Essa é a razão por que Deus tanto ama. No seu corpo e na sua alma, Jesus foi somente amor.

(...) A morte de Jesus aplacou a ira do Pai, pois na pessoa de Jesus a justiça se cumpriu. Satisfez-se à justiça, cumpriu-se a misericórdia. E o gênero humano foi retirado das mãos do diabo. No torneio da morte contra a vida e da vida contra a morte, o bondoso verbo lutou nos braços da santa cruz.(...) Ao dizer que maior amor não poderia mostrar por nós, do que dar a vida como a amigos, ele elogiava tal amor. Mas que diremos do amor ardente e sublime de quem deu a vida por inimigos? Pois mediante o pecado, éramos inimigos de deus. Ó amoroso verbo! Com que amor procuraste a ovelha, com que amor morreste por ela e a colocastes no redil perdido, concedendo-lhe a graça!

Ó meu bondoso e santo pai! Não vejo outra maneira para reconquistardes vossas ovelhas desobedientes e insubordinadas, que deixaram o redil da santa

Igreja. Em nome de Jesus crucificado eu vos peço e quero que useis de misericórdia. Vencei a malícia com a benignidade.

Ó pai, nós vos pertencemos. Sei que o povo está consciente que agiu mal. Justificação na havia para seu comportamento, mas as pessoas achavam que não podiam agir de outro modo, por causa dos muitos sofrimentos, injustiças e maldades que suportavam da parte dos pastores e governantes. Devido à vida desregrada de muitos responsáveis, demônios encarnados como vós sabeis, as pessoas tiveram medo e agiram como Pilatos, que, a fim de não perder o cargo, matou a Jesus. Foi o que fizeram. Para conservar a posição, perseguiram-vos. Imploro vossa misericórdia para eles, pai. Não olheis a maldade e o orgulho dos vossos filhos. Concedei a paz aos filhos que vos ofenderam, usando a isca do amor e da bondade. E corrigi-os mediante um suave castigo, conforme vos agrada. Ó doce cristo na terra! Em nome de Jesus, que está no céu, eu vos digo: se agirdes sem violência e tempestade, todos virão arrependidos da ofensa cometida e depositarão a cabeça no vosso peito. Vós sereis feliz e nós também, pois mediante o amor tereis reconduzido ao redil da santa Igreja a ovelha tresmalhada.

Se agirdes dessa forma, meu doce pai, realizareis vosso desejo santo e a vontade divina da Cruzada. Em nome de Deus eu vos convido a realiza-la quanto antes, sem demora. Todos dela participarão com grande amor, dispostos que estão a dar a vida por Cristo. Ó meu Deus! Ó meu querido pai! Erguei logo o estandarte da cruz e vereis os lobos se mudarem em cordeiros. Paz, paz, paz, a fim de que a guerra (entre cristãos) não faça demorar tal acontecimento.

Se por acaso tiverdes a intenção de vingar-vos, fazei-o sobre mim. Dai-me os castigos e tormentos que vos agradarem, até o dia da minha morte. Julgo que foi por meus pecados que muitos erros, muitos inconvenientes e discórdias sobrevieram (à Igreja). Vingai-vos sobre esta vossa filha como quiserdes. Ai de mim, pai! Morro de tristeza e não consigo morrer...

Voltai, voltai (a Roma)! Não resistais à vontade divina, que vos chama. Ovelhas esfaimadas esperam vosso retorno, para ocupardes e tomardes posse da

sede do vosso antecessor, São Pedro. Como representante de Cristo, deveis estar no lugar que vos pertence. Vinde, pois, vinde sem demora! Criai coragem, sem medo de que algo aconteça, pois Deus estará convosco. Humildemente peço a vossa bênção. Para mim e para todos os meus filhos. E suplico que perdoeis a minha presunção.

Carta nº 302 ao Papa Urbano VI (pág. 139)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da bondosa Maria, santíssimo pai no doce Cristo Jesus, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, vos escrevo no seu precioso sangue, desejosa de ver-vos verdadeiro e autêntico pastor e guia das vossas ovelhas, as quais deveis nutrir no sangue de cristo crucificado.

Sobre tal coisa, grande cuidado é exigido de vossa Santidade relativamente às pessoas que recebem tal sangue e àquelas que o distribuem. Estou me referindo, pai santíssimo, aos pastores que são colocados na hierarquia da santa Igreja. Importa que tais pessoas estejam á procura de Deus e não de prelaturas. E que tramitação de quem as representa seja feita com sinceridade e não com mentiras. Ó pai santíssimo, tende paciência quando alguém vos fala sobre tais assuntos. As sugestões vos são ditas unicamente para a glória de Deus e o vosso bem, assim como um filho terno e amoroso faz com seu pai, por não tolerar que coisas prejudiciais e humilhantes aconteçam ao pai. O filho solícito está sempre atento, por ver que o pai tem de governar uma família numerosa e não pode enxergar mais do que é possível a um homem. De fato, se os filhos verdadeiros não se esforçarem por proteger a honra e os interesses do pai, muitas vezes ele seria enganado. As coisas são assim, santíssimo pai!

Sois o pai e o guia do corpo universal da religião cristã. Todos nós estamos sob a proteção de vossas asas. Por autoridade, tudo podeis. Mas para ver (a realidade) sois apenas um. É necessário, pois, que os vossos filhos – com simplicidade de coração e sem temor servil- vejam e façam o que serve para a gloria de Deus, ao vosso bem e á salvação das ovelhas que se acham sob a vossa autoridade. Sei que vossa santidade quer muito ter auxiliares que vos ajudem. Mas convém que tenhais paciência no escutar.

Sei de duas coisas vos fazem sofrer e alteram vosso humor. Compreendo perfeitamente. Primeiro, ao ficar sabendo de faltas cometidas, ficais triste porque Deus é ofendido. Essa ofensa e tais culpas vos desagradam e sentis uma agulhada

no coração. Nisto ninguém deve ser paciente unicamente para ter paciência e não sofrer com as ofensas cometidas contra Deus. Não! Agindo assim, daríamos a impressão de nos conformarmos com tais vícios. Outra coisa que vos faz sofrer é um filho vir a vos referir acontecimentos que lhe parecem ofensivos a Deus e nocivos para as almas. Parece-vos de pouca honra para vossa Santidade e que tal pessoa seja maldosa ao esforçar-se por dizer claramente a pura verdade diante de vós, tal qual ela é. Pois nenhum acontecimento deve ficar secreto e oculto diante de vós. Santo padre, rogo-vos que quando um pobre filho vos ofender dessa maneira, o corrija no seu erro, mas sem se alterar.

Digo tais coisas por causa do que me foi dito pelo Mestre João Tantucci a respeito de Frei Bartolomeu Dominici. Este último, por defeito seu e escrupulosa consciência, vos fez sofrer e deixou nervoso. Ele e eu ficamos preocupados. Ele pensa que ofendeu Vossa santidade. Rogo-vos, por amor de Cristo crucificado, que castigueis em mim todo sofrimento que ele vos tenha causado. Estou pronta a aceitar qualquer castigo e correção que forem do agrado de Vossa Santidade. Penso que foi por causa dos meus pecados que ele cometeu tamanha maldade. Sou eu que devo sofrer o castigo. Ele deseja muito se desculpar diante de vós, em qualquer lugar queira V. S. que ele vá. Tende paciência em suportar os meus defeitos e os dele.

(...)

Carta n° 370 ao Papa Urbano VI (pág. 143)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da bondosa Maria, santíssimo e dulcíssimo pai no doce Jesus Cristo, eu, Catarina, indigna e mísera filhinha, cós escrevo muito desejosa de ver em vós uma prudência acompanhada pela luz da verdade, de modo que eu vos veja imitando o exemplo da verdade, de modo que eu vos veja imitando o exemplo do glorioso São Gregório Magno.

Que eu vos veja governar a santa Igreja e as vossas ovelhas com muita prudência, de maneira que não tenhais de desdizer nenhuma ordem dada, nem mesmo a menor palavra. Que diante de Deus e dos homens sempre apareça uma firmeza fundamentada na verdade, como convém a um Santo Pontífice. Sobre isso, peço a Deus que, no seu inestimável amor, revista vossa alma. Penso que a luz e a prudência são de muito grande necessidade para nós, mas, sobretudo a Vossa Santidade e a qualquer outro em vosso lugar. Mas ainda em nossos tempos. Como sei que é vosso desejo possuí-las, recordo-vos e manifesto-vos esse desejo de minha alma.

Pai santíssimo, fiquei sabendo da violenta resposta que o governador de Roma, num ímpeto de ira e de falta de respeito, deu aos representantes do povo. Parece-me que os chefes locais vão reunir o conselho geral e depois, na companhia de pessoas importantes, irão até vós. Pai santíssimo, como já começastes a reunir-vos com eles, peço-vos que continueis a fazê-lo muitas vezes, com prudência, atraí-os com laços de amor. Após o conselho geral, acolhei-os com a bondade que puderdes, orientando-os no que deverão fazer de acordo com o que vos parecerdes bom. Perdoai-me, pois o amor me faz dizer coisas que não deveria. Sei que já tendes conhecimento da mentalidade dos vossos filhos romanos, que se deixam atrair mais pela bondade do que pela força e severidade. Sabeis também como é necessário, para vós e para a Santa Igreja, conservar este povo na obediência e no respeito à vossa Santidade. Nisso está a base e o alicerce da nossa fé. Humildemente vos peço que, com prudência, sempre procureis prometer apenas o que podeis plenamente cumprir, para que não surjam danos, vergonha e confusão.

Dulcíssimo e santíssimo pai! Perdoai-me por dizer-vos tais coisas! Confio que vossa humildade e bondade ficarão contentes de que elas vos sejam ditas, não as olhando com desprezo e raiva, pois procede de uma vilíssima mulher. Quem é humilde não considera quem lhe está falando, mas preocupa-se com a honra divina, a verdade, a própria salvação.

Confiai e não tenhais medo diante de qualquer resposta que aquele rebelde vos deu ou venha a dar. Deus dará solução para esse caso e para todo outro, como Piloto e protetor da pequena nave da Igreja e de vossa Santidade. Sede inteiramente viril, no santo temor de Deus, sede inteiramente exemplar nas palavras, nos costumes e em todas as vossas atividades. Que todas elas sejam transparentes ao olhar de Deus e dos homens, como lâmpadas colocadas sobre o candelabro da Santa Igreja, para a qual olha e deve olhar todo o povo cristão.

A respeito daquilo que vos referiu Leão, procurai remediar. O escândalo continua a crescer até hoje. Não apenas pelo que aconteceu ao embaixador de Sena, mas também por outras ocorrências que se verificam todos os dias, provocando a ira dos fracos corações humanos. Vós não tendes necessidade de pessoa assim, mas de alguém amante da paz, não da guerra. Ainda que pessoalmente ele o faça por zelo de justiça, são numerosos os que agem desordenadamente e por ímpeto de ira, fora de toda ordem e racionalidade. Peço a vossa Santidade com insistência que tenhais pena da fraqueza dos outros, procurando um médico que cure sua enfermidade. Não fiquéis esperando que ele morra. Afirmo-vos que se não for dada uma solução, a enfermidade crescerá. Lembro-vos a grande ruína que aconteceu em toda a Itália porque não se tomou providencia quanto aos maus responsáveis, os quais exerciam o governo de tal modo que despojaram a Igreja de Deus. Sei que vós estais a par do que aconteceu. Vede, santidade, o que é preciso fazer agora. Coragem. Coragem! Deus não despreza vossos desejos e a oração dos seus servidores.

Nada mais acrescento. Permanecei no santo e doce amor de Deus. Humildemente imploro a vossa benção. Jesus doce, Jesus amor!

Carta nº127 a Frei Bartolomeu Dominici e Frei Tomás Caffarini (pág. 72)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da terna Maria, diletíssemos e caríssimos pais por respeito ao sacramento da Eucaristia, e muito queridos irmãos no sangue de Jesus Cristo! Vosso querido pai e os irmãos vos enviam cem mil saudações, conforto e benção no grande amor, que reteve Jesus pregado na cruz. Ó chama abissal de caridade! És um fogo que arde e não consome! És alegria, prazer e suavidade! Ao coração ferido por tua seta de amor, toda amargura parece agradável e todo peso, leve. Ó doce amor, que alimentas e fortaleces a nossa alma! Dissemos antes que ardes e não consumes. Agora digo o contrário, pois destróis e dissolves todo defeito, maldade e negligência da alma. Pois o amor não é ocioso, mas realiza grandes coisas.

Eu Catarina, inútil serva, padeço no desejo santo, comovida interiormente em dor e pranto, ao ver e sentir nossa maldade e negligencia no amar a Deus, que nos concede tantas graças com imenso amor, irmãos caríssimos, não sejais ingratos, mal-agraçados! Facilmente secará em vós a fonte da piedade. Ó negligentes, negligentes! Despertai desse perverso sono. Vamos acolhamos nosso Rei que vem a nós manso e humilde. Ó vós, orgulhosos! Eis que o mestre da humildade vem sentado numa jumenta que devemos dominar, na maneira como Ele cavalgava e dominava por causa do pecado. Realmente não há diferença entre nós e aquele animal. Pelo pecado o homem torna-se irracional. Ó verdade antiga, ensinastes-nos a maneira. Quero que montes esta cavalgadura e, manso e humilde, a domines. Com que pés montaremos, dulcíssimo Amor? Odiando a negligencia e amando a virtude.

Mas fiquemos por aqui, embora eu tivesse muita coisa a dizer. Não posso mais. Mas façamos assim, meus filhos e irmãos. A fonte está aberta e escorre. Se precisarmos reabastecer a pequena barca da nossa alma, vamos até a fonte, que é o coração, a alma e o corpo de Jesus Cristo. Encontrá-la-emos jorrando com tal amor, que facilmente poderemos plenificar nossas almas. Mas vos digo: não

demoreis em fixar o olhar pela janela (do coração de Cristo). Garanto-vos que Deus nos ofereceu tempo e maneira para realizar grandes ações por Ele. Por isso afirmei que vos esforçásseis por crescer no desejo santo. Não vos contenteis com pequenas coisas. Deus as quer grandes.

Comunico-vos que o Papa (Gregório XI) mandou até aqui um seu representante, o diretor espiritual daquela condessa que morreu em Roma. É aquele que renunciou ao episcopado por amor à virtude. Ele veio falar comigo em nome do Santo padre, pedindo que eu fizesse oração por ele e pela santa Igreja. Como sinal, trouxe-me uma santa indulgência. Gaudete et exultate, porque o santo Padre está começando a olhar para a honra de Deus e da Santa Igreja.

Irá até vós (em Pisa) um jovem levando esta carta. Acreditai no que ele diz, pois tem uma santa vontade de visitar o Sepulcro (de Jesus). Antes, quer pedir a benção do santo Padre (em Avignon), para si e para outras pessoas religiosas e leigas. Escrevi uma carta ao Papa rogando, por amor ao sangue de Cristo, que permita que entreguemos nossos corpos a qualquer perigo. Rogai ao sumo e eterno Deus que, se isso for o melhor, conceda essa licença a nós e a vós, de modo que numa bela brigada demos a vida por Ele. Estou segura de que, se for o melhor, ele nos concederá.

Nada mais acrescento. Alessia recomenda-se a vós cem mil vezes, desejosa de encontrar-vos e ver-vos cheios de ardente caridade. Maravilha-se muito de que não nos tenhais escrito. Conduza-nos o Senhor àquele lugar onde nos veremos face a face diante de nosso Deus.

A negligente Alessia gostaria de envolver-se nesta carta e ir até vós. Dona Giovanna vos manda lembranças abençoando, e pede que vos recordeis dela junto de Deus.

Jesus, Jesus, Jesus! Eu Catarina, inútil serva de Jesus Cristo, vos conforto e abenção cem mil vezes. Catarina Marta pede que rezeis por ela a Deus. Recomendações a Frei Tomás, ao vosso prior e a todos os demais. Jesus doce, Jesus amor!

Carta nº24 ao cura Beringhieri Arzochi (pág. 76)

Em nome de Jesus Cristo crucificado e da bondosa Maria, a vós, reverendíssimo e caríssimo pai em Jesus Cristo, eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, escrevo e me recomendo no precioso sangue do Filho de Deus, desejosa de ver-vos verdadeiro sacerdote de Cristo e seguindo os seus passos. Sede, sede aquela flor perfumada que deveis ser; espargi o bom odor (2 Cor 2,15) na doce presença de Deus. Sabeis que a flor; conservada durante muito tempo na água, não exala perfume, mas fedor. A mim parece, pai, que vós e os demais sacerdotes deveis ser assim uma flor. Mas também essa flor, imersa nas águas iníquas nas águas iníquas e putrefatas dos pecados e misérias do mundo, não exala perfume, mas fedor. Responsável pelos seus súditos! Vós sabeis que deus os quer límpidos e puros. Infeliz de mim, infeliz de mim, venerável pai! É o contrário que acontece. Comporta-se de tal maneira, que não apenas são fétidos, mas também arruinam todos aqueles que deles se avizinham.

Acordai e não continueis dormindo! Já dormimos bastante, mortos para a graça. Não nos resta mais tempo, soou a hora da sentença, estamos condenados á morte. Pai dulcíssimo, considerai por um instante a nossa perigosa situação, perigosamente imersos num triste mar de pecados mortais. Por acaso, não acreditamos que haveremos de chegar ao momento da morte? Não devemos duvidar: homem algum, por rico e nobre que seja, conseguirá evita-lo. Oh, como será miserável e infeliz, então, aquela pessoa que usou como espelho as afeições carnis e nelas se resolveu como o porco na lama. De ser racional torna-se feio animal. Revolve-se, ainda, em corrupta avareza, ao vender muitas vezes os favores e dons espirituais. Inchados de soberba, sempre a gastar em honras e banquetes, com uitos servos e fogosos cavalos, o que deveria ser dado aos pobres. Tais são as obras que apresentam para o julgamento e sentença da coitadinha da alma no momento da morte. O infeliz acreditava estar agindo contra Deus, mas de fato agia contra si mesmo. Tornou-se um juiz a condenar a si mesmo, merecedor da morte eterna. Mas

não sejamos simplórios. Grande tolice é tornar-se homem digno da morte, quando pode ter a vida.

Como pertence a nós escolher a vida ou a morte, pela liberdade que Deus nos deu, peço-vos encarecidamente e com amor, quanto posso e sei, que sejais uma flor e exaleis perfume diante de Deus e sobre os vossos súditos. Qual verdadeiro pastor entregai se for preciso a vossa vida pelas ovelhas. Corrigi os vícios, confirmai a virtude dos bons. A falta de correção corrompe, como faz um membro infeccionado no corpo de uma pessoa doentia. Estai atentos a vós mesmos e aos vossos súditos. Não vos pareça cruel arrancar as raízes, pois a doçura dos frutos vos será mais doce que o amargor do esforço.

Ó pai caríssimo, considerai o inefável amor que Deus tem pela vossa salvação. Abri os olhos para ver seus imensos benefícios e dons. Existe, por acaso, maior amor do que morrer pelo amigo (Jô 15,13)? Maiores louvores, ainda, merecem quem morre pelos inimigos. Não mais se desculpem, portanto, os nossos corações; percam sua dureza; não continuem sempre pedras. Que se rompam os laços e as amarras com que muitas vezes o demônio nos retém manietados. A força do desejo santo, o desprezo pelos vícios e o amor da virtude, que agem em sentido contrário aos vícios. Como o pecado traz amargura, a virtude traz a doçura e faz saborear durante esta existência a vida eterna. E ao chegar o doce momento da morte, a virtude entrará em ação: responde pela pessoa, defende-a do julgamento de Deus, dá-lhe segurança, livra da confusão, conduz à vida interminável, na qual há vida sem morte, saúde sem doenças, riqueza sem miséria, honra sem humilhação, liberdade sem escravidão. nela todos serão senhores. Quanto menor tiver sido alguém nesta vida, maior será na futura, e quanto maior pretender ser nesta existência, menor será na outra. Sede, então, pequenino com humildade perfeita e profunda. Pensai em Deus, que por vos se humilhou como homem. Não vos torneis indigno daquilo que Deus vos fez digno, isto é, do preciosos sangue de seu filho, com que fostes comprado num ardentíssimo amor. Somos servos adquiridos, não podemos mais revender-nos. Quando nos achamos em pecados

mortais, cegos nos vendemos ao demônio. Rogo-vos, pois, pelo amor de Cristo crucificado: saí de tão grande escravidão.

Nada mais acrescento. Apenas vos afirmo que meus defeitos são infinitos, e prometo fazer um ramallete de mirra (Ct 1,13) com os meus e os vossos defeitos e o colocarei no peito, para um perene pranto de amargura. Tal amargura, enraizada no verdadeiro amor, nos fará chegar à doçura e consolação da vida durável. Perdoai minha presunção e soberba. Orai por mim e abençoai toda a minha família em Cristo Jesus. Rogo-lhe que vos conceda sua eterna benção. Uma benção tão forte, que quebre e reduza a pedaços as amarras que afastam Deus de vós. Permaneci no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor.

Outras obras sobre Catarina de Sena

CÁPUA, Beato Raimundo de. *Vida de Santa Catalina de Siena*. Espasa-Calpe Argentina, S.A., Buenos Aires, 1947

BITELLI, G. La Santa degli italiani, Santa Caterina da Siena, Turim, 1938

CAFFARINI, T.A.S. *Libellus de supplemento*. Roma, 1974

CHEMINELLI, P. S. *Caterina de Siena*, 1941

DOORNIK, N. G.M. van, *Caterina da Siena, la donna che non tacque nella chiesa*, Assis, 1980

DORE, P. *Santa Catarina da Siena*, Milão, 1940

DRANE, A.T. *Storia di S. Caterina da Siena e dei suoi compagni*, Sena, 1940

FERRETTI, L. *Vita di S. Caterina da Siena, Terziaria domenicana*, Sena, 1940

LEVASTI, A.S. *Caterina da Siena*, Roma, 1941

CATARINA DE SENA(Santa). **Cartas completas**. [Titulo original: Le lettere di S.Caterina da Siena]. Tradução de João Alves Basílio. São Paulo: Paulus, 2005.

VAN DER PLANCKE, Chantal; KNOCHAERT, Andre; Margarida Maria Osorio Goncalves. [Trad.]. **Quinze dias com Catarina de Sena**. Traduzido do original: Prier 15 jours avec Catherine de Sienne. Portugal: Paulus, 1999

CATARINA DE SENA (S.). **As cartas**. [Titulo original: Epistolario di Santa Caterina di Siena]. Tradução de Joao Alves Basilio. ^brev.por Alexandre S.Santana. São Paulo: Paulus, 1998.